

Apresentação

Este relatório faz parte do trabalho de continuidade e finalização do Levantamento Preliminar do Carimbó na Microrregião do Salgado Paraense e seu entorno cultural nos municípios de Terra Alta, São João da Ponta, Maracanã, Magalhães Barata e Curuçá. O levantamento foi realizado em duas etapas sendo a primeira para os municípios de Salinópolis, São João da Ponta, Vigia, São Caetano de Odivelas, Colares e Marapanim perfazendo o total de 11 municípios que formam esta microrregião.

A realização deste trabalho visa a instrução do processo de registro do Carimbó como patrimônio da cultura brasileira que está sendo realizado pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – no Pará.

Objetivo

O presente texto tem por objetivo prestar informações sobre o trabalho de pesquisa do INRC/Carimbó na Microrregião do Salgado Paraense em relação a sua segunda etapa para os municípios de Terra Alta, São João da Ponta, Maracanã, Magalhães Barata e Curuçá

Metodologia.

Tendo por diretriz o Manual de Aplicação do INRC, o trabalho foi realizado seguindo um roteiro pré-estabelecido pela equipe contratada onde durante os dois primeiros meses foram visitados os lugares e centros de pesquisa existentes em Belém com o intuito de coletar o máximo possível de informações a respeito do bem cultural pesquisado, bem como montar um acervo bibliográfico, documental e áudio-visual com informações de que trata esta pesquisa.

Os meses de março e abril foram dedicados aos trabalhos de campo onde visitou-se os municípios definidos pelo edital INRC/Carimbó, sendo eles: Terra Alta, Maracanã, Magalhães Barata e Curuçá. No entanto, em acordo proposto pela própria equipe contratada à Superintendência do IPHAN no Pará, ficou estabelecido, sem ônus a esta instituição, o levantamento preliminar do carimbó no município de São João da

Ponta, fechando assim, o levantamento da Microrregião do Salgado Paraense, haja vista que os demais municípios já foram contemplados em edital anterior.

O cronograma de viagens foi definido pela equipe seguindo um roteiro feito a partir das informações já levantadas sobre o carimbó nos municípios descritos acima. Desta forma, optou-se pela realização de uma viagem no mês de março e as duas restantes no mês seguinte. Este roteiro se deve à intensificação do período chuvoso na região, principalmente no mês de março e sua diminuição a partir do mês de abril conforme tem se verificado nos últimos anos. Desta forma, ficou estabelecido o seguinte roteiro:

Cronograma de viagens de campo:

INRC/Carimbó Microrregião do Salgado	
Viagem I – Terra Alta / São João da Ponta	26 a 29 de Março
Viagem II – M. Barata / Maracanã	09 a 12 de Abril
Viagem III – Curuçá	23 a 26 de Abril

I – Atividades pré-campo

1.1. Formação de equipe

Os critérios para a composição da equipe foram definidos pelo projeto básico anexo no edital publicado pelo IPHAN para este inventário respeitando os critérios mínimos exigidos para a contratação de pessoal. Assim, após a definição do coordenador, partiu-se a seleção dos demais pesquisadores que fariam a composição final da equipe definida conforme o quadro a seguir:

NOME / FUNÇÃO	FORMAÇÃO / ÁREA DE ATUAÇÃO	GRAU DE QUALIFICAÇÃO
Edgar Monteiro Chagas Junior / Coordenador	Geógrafo / Atuação na área de Geografia Cultural e experiência em patrimônio imaterial	Bacharel e licenciado pleno em Geografia / Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFGA)
Marta Georgea de Souza Santos / Pesquisadora – documentação	Antropologia / Formação acadêmica voltada para metodologia de pesquisa	Graduada em Educação Artística, com Habilitação em Música, e Mestre em

inventário	cultural de gêneros musicais populares	Antropologia pela Universidade Federal do Pará
Andrey Faro de Lima / Pesquisador – documentação inventário	Ciências Sociais / Experiência na área de Antropologia, atuando principalmente, nos seguintes temas: Antropologia Urbana; Patrimônio Cultural; Música, Cultura e Sociedade na Amazônia	Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2005) e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-Antropologia da UFPA. Atualmente (2009) é doutorando pelo mesmo programa. Amazônia.

1.2. Familiarização com os instrumentos metodológicos

Definida a equipe, partiu-se para o estudo do Manual do INRC, bem como a leitura de alguns textos referentes à temática do patrimônio imaterial. Foram feitas reuniões com os membros da equipe para, em conjunto, elaborar as estratégias e o planejamento:

INRC / CARIMBÓ – Levantamento preliminar

Atividades Pré-campo	
Familiarização com os instrumentos metodológicos (INRC)	1ª semana de janeiro
Levantamento bibliográfico / documental e entrevistas com músicos, pesquisadores, etc.	jan / fev / mar

Na primeira semana de janeiro de 2009, a equipe reuniu-se durante quatro dias para um treinamento específico sobre o Manual do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC onde ficaram estabelecidos critérios preliminares de abordagem nas entrevistas de campo a serem realizadas e delimitadas algumas diretrizes de acompanhamento por parte do corpo técnico do IPHAN junto ao projeto que estava sendo iniciado.

Todo o trabalho de campo do INRC/Carimbó tem como diretriz a coleta de dados através de capturas de áudio e vídeos das entrevistas e registro fotográfico dos grupos e entrevistados.

1.3. Levantamento bibliográfico

Todos os materiais foram levantados em bibliografia, áudio, vídeo, jornais, revistas, documentos antigos e mais recentes, pesquisados nos vários órgãos públicos de Belém. As leituras estão direcionadas ao bem cultural pesquisado e também aos locais onde os mesmos acontecem. Assim, foram feitos levantamentos nas bibliotecas das universidades: Federal do Pará (UFPA), Universidade da Amazônia (UNAMA), Universidade do Estado do Pará (UEPA). Bibliotecas, videotecas e fonotecas da Fundação Tancredo Neves (CENTUR), Museu da UFPA, onde está localizado o acervo do importante folclorista Vicente Salles, Museu da Imagem e do Som do Estado do Pará, Fundação de Telecomunicação do Estado do Pará (FUNTELPA), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Arquivo Público do Estado do Pará.

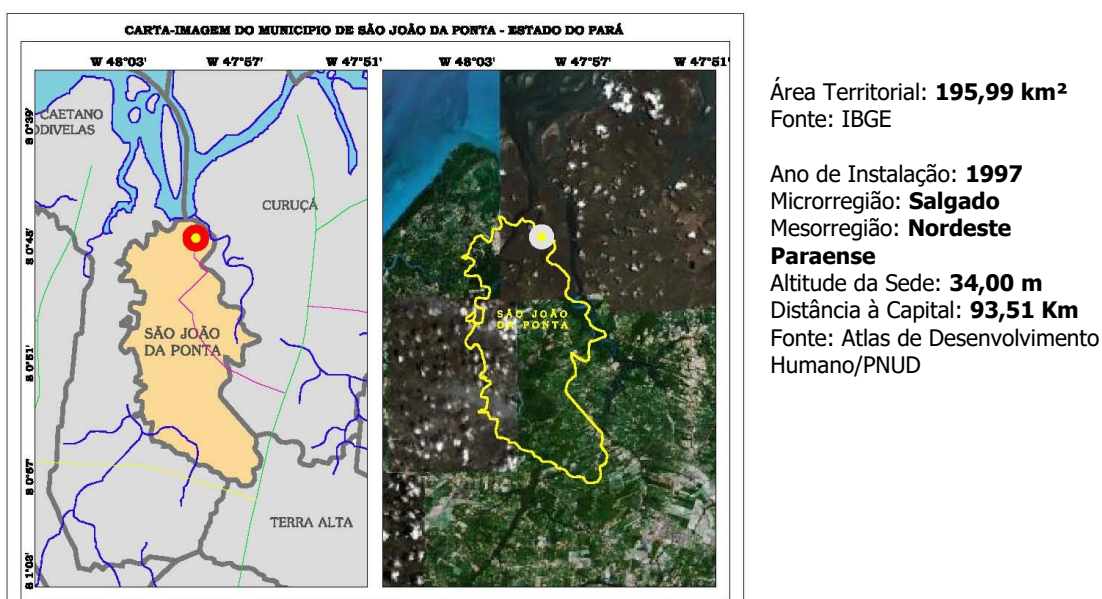
1.4. Material de divulgação

Em acordo com o primeiro levantamento preliminar da Microrregião do Salgado Paraense, utilizou-se o mesmo material de divulgação elaborado na etapa anterior, a saber: Crachá de identificação; Folder informativo do projeto e Camisetas usadas pelos pesquisadores e distribuídas aos mestres dos municípios (ver anexo III).

II – VIAGENS DE CAMPO

2.1. Viagem I – São João da Ponta

O Município de São João da Ponta possui uma população de 4.035 habitantes (IBGE, 2000) e uma área de 195,99 Km², representando 0,02% do Estado. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,67 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano PNUD (2000). Seus limites territoriais estão demarcados ao Norte com o Município de São Caetano de Odivelas; a Leste com os Municípios de Terra Alta e Curuçá; ao Sul com os Municípios de São Caetano de Odivelas e Terra Alta e a Oeste com o Município de São Caetano de Odivelas. O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião Salgado e está a 120 Km de distância da capital do Estado.



O município foi criado através da Lei nº5.920, de 27 de dezembro de 1995, tendo sido desmembrado do Município de São Caetano de Odivelas, com sede na localidade de São João da Ponta, que passou a categoria de cidade, com a mesma denominação. Sua instalação aconteceu no dia 1º de janeiro de 1997 com a eleição de prefeito e vereadores no pleito municipal de 3 de outubro de 1996¹.

A atividade econômica do município é sustentada pelas atividades da pesca e agricultura existindo também um pequeno segmento de pessoas empregadas na administração pública, comércio e serviços. Assim, os principais produtos advêm do

¹ Fonte: SEPOF, Estatística municipal de São João da Ponta 2008.

setor primário de alimentos tendo destaque para a mandioca para a fabricação de farinha seguida de outras plantações de menor escala, como milho, feijão, banana e melancia. A pesca artesanal funciona em pequena escala, depende da safra sazonal e da concorrência de grandes embarcações que fazem a pesca de arrastão na entrada do rio que banha a cidade. É comum se comprar o pescado que vem de fora, principalmente do porto de Vigia que chega a localidade por meio de atravessadores.

A pecuária responde por uma pequena parcela da economia local, com destaque para pequenas criações de bovinos, além de galos e galinhas que proporcionam a pequenos criadores o comércio e, ao mesmo tempo, a sua própria subsistência. Já o extrativismo vegetal se concentra principalmente no carvão vegetal, na produção de lenha e na extração do açaí.



Vista da Praça da Matriz situada à frente da cidade ao fundo o rio Mojuim.
Foto1: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009)

Como a maioria dos municípios do Salgado, São João da Ponta não foge a regra de carências infra-estruturais que ainda impedem a melhoria da qualidade de vida de sua população. O município não possui rede geral de esgotos tendo seus canais hídricos e a chuva como principal rota de drenagem de resíduos domésticos. A grande maioria das fossas ainda são rudimentares, fato que em alguns lugares compromete o primeiro

lençol freático contaminando suas águas de onde são perfurados centenas de poços para consumo humano e domiciliar. O abastecimento de água atinge 49,28% dos domicílios sendo que os poços ainda constituem importante fonte de abastecimento de água. O destino final do lixo é um grande depósito a céu aberto ou queimado no fundo dos quintais de propriedades, pois a coleta seletiva só atinge 13,76% dos domicílios.

Nos aspectos culturais o município possui uma quantidade expressiva de pessoas que trabalham com materiais usados para a fabricação de utensílios para uso diário no trabalho como cestos, peneiras, matapis, redes de pesca e canoas. Há algumas pessoas que tentam reinventar algumas manifestações tradicionais já desaparecidas, como por exemplo, dona Marcinha, responsável por grupos de dança, quadrilhas juninas, cordões de pássaros, e pelo único grupo de carimbó em atividade na sede municipal, o “Frutos da Terra”.

Existem festividades religiosas como a de São Benedito que acontece em dezembro, festa tradicional onde ocorre a “levantação” e a derrubada do mastro tendo sempre como fundo musical a sonoridade de grupos de carimbó do município e de outros convidados de fora, não sendo permitido o uso de música mecânica. A festividade é realizada no “Barracão de São Benedito”. Porém a principal festividade religiosa do município é o círio de São João Batista que acontece no mês de junho onde se apresentam manifestações representativas do período, como quadrilhas juninas, cordões de bicho, grupos de carimbó, grupos de boi-bumbá. O município possui uma banda de música denominada dr. Dionísio Bentes.

O Campo

A viagem ao Município de São João da Ponta contou com a participação de todos os membros da equipe e durou 2 dias (19 e 20 de março de 2009) sendo visitadas além da sede municipal, as localidades de São Francisco, Guarajuba, Deolândia, Vila Nova e Açú. Todas visitadas a partir das indicações feitas pelos primeiros entrevistados na sede do município onde se montou um panorama inicial do trajeto que seria percorrido pela equipe. No total foram realizadas oito entrevistas sendo identificados oito bens culturais relacionados ao carimbó. O trajeto Belém – São João da Ponta foi percorrido pela BR-316, PA-136, perfazendo um total de 120 Km.

Dentre os bens culturais relacionados ao carimbó que constituem manifestação vigente, foram identificados o grupo de carimbó Frutos da Terra e o Barracão de São Benedito, ambos na sede municipal. Há também o carimbó de São Francisco na

localidade de mesmo nome e o carimbó de Vila Nova, constituindo manifestações de memória. Ainda foram identificados os grupos de carimbó Pinga-Fogo e o Capim-Gordura, ambos na sede do município e os grupos Brasileirinhos em Vila Nova, o grupo Reponta em São João da Ponta e o grupo Unidos do Açú na localidade de mesmo nome. Além de danças que foram relatadas pelos entrevistados como sendo danças antigas de carimbó da região, um exemplo é a “Dança da Pomba com o Gavião” e a “Dança do Tejucurarú”.

O Conjunto de Carimbó Frutos da Terra surgiu quando a família do senhor Apolinário de Matos Almeida (conhecido por “Polico”), bastante envolvida com a cultura popular daquele município, com a intenção de não deixar “o carimbó se acabar”, resolveu reunir alguns dos músicos destes conjuntos para criarem o “Conjunto de Carimbó Frutos da Terra”. O surgimento deste conjunto remete à época (final da década de oitenta) em que o pai de Polico, que já participava e promovia diversas *brincadeiras* em São João da Ponta, tais como os cordões de bichos, ao verificar que havia apenas um tocador de banjo com instrumento no município (existiam outros tocadores, mas sem instrumento), resolveu confeccionar um banjo para que pelo menos um dos seus sete filhos aprendesse a tocar. O pai de polico (que tocava pandeiro e surdo) aprendeu a fazer o banjo somente observando o instrumento já confeccionado, porém, como não sabia tocar, um de seus filhos, que já tocava violão, ajudou-o fazendo as divisões do braço do banjo em escalas (divisão do braço do instrumento para composição das notas) conforme as do violão. Quando o banjo foi confeccionado, muitos tocadores quiseram comprar (posteriormente, o banjo foi vendido, sendo que o pai de Polico, com ajuda de seus filhos, ainda fizeram mais outros dois banjos). Conforme citado, naquele período, o único banjista que possuía instrumento era o Chiquinho que, por sinal, tocava na maioria dos conjuntos vigentes da época, como o Capim Gordura e o Pinga Fogo. Além de serem poucos os tocadores de banjo em São João da Ponta, muitos estavam morrendo devido a idade avançada. Desse modo, o irmão de Polico, que já tocava clarinete e violão, aprendeu a tocar o banjo, ensinando Polico a também tocá-lo para improvisarem um conjunto. Com o tempo, e com a participação de alguns músicos do extinto conjunto Reponta (anterior ao Frutos da Terra), confeccionaram outros instrumentos (curimbós, maracas) e começaram a tocar pelo município, criando então, por volta do ano de 1995, o Frutos da Terra, conhecido em São João da Ponta como o conjunto da dona Marcinha (que também é responsável pelo grupo da terceira idade). É

mãe de Polico e, após o falecimento de seu esposo, tornou-se uma das responsáveis pelo conjunto, que ficou parado por alguns anos, mas retornou suas atividades.



Apolinário de Matos Almeida (“Polico”), herdeiro de mestre de carimbó de São João da Ponta e coordenador do Conjunto de Carimbó Frutos da Terra.

Foto 2: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009)

Dona Márcia Almeida (dona “Marcinha”, dançarina de carimbó do Conjunto Frutos da Terra e vice-presidente do grupo da melhor idade, que desde a sua juventude vem organizando as manifestações culturais de São João da Ponta.

Foto 3: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009).



Atualmente, o Frutos da Terra é o único conjunto em atividade na sede do município de São João da Ponta (há outros conjuntos mais ou menos improvisados e sem denominação em algumas localidades de São João da Ponta: Guarajuba, São Francisco, Vila Nova e Deolândia). O conjunto possui dois tambores (curimbós), maracas, banjo (Polico é o atual banjista e cantor) e dois instrumentos de sopro (que podem ser o clarinete, o sax ou o trombone). O conjunto se apresenta, recorrentemente,

nas festividades de São Benedito (bastante tradicionais em São João da Ponta), durante os meses de dezembro e janeiro (sem a utilização de amplificadores, somente no “pau e corda”). Apresentam-se também em outros períodos do ano, nas vilas próximas e em junho nos arraiais que ocorrem na praça da cidade, durante as festividades de São João Batista, padroeiro de São João da Ponta. Nestas ocasiões, a família de Polico também promove cordões de pássaros e bumbás. A maioria das canções de seu repertório são de conjuntos de outros municípios ou de compositores das localidades próximas, sendo que os músicos de sopro vêm da banda de música de Dionísio Bentes (de São João de Pirabas) que, inclusive, o pai de Polico ajudou a fundar. Por vezes, as apresentações do Frutos da Terra são acompanhadas pelo grupo de dança da terceira idade.

Mestra Marcinha e seu filho Apolinário, presidente do Conjunto de Carimbó Frutos da Terra, “colocam” cordões de bicho, onde ela canta, cria a comédia e a coreografia e ele toca e confecciona os bichos. Ela elaborou cordões de bicho como a borboleta, da qual lembra a dificuldade que teve com sua dramaturgia, pois foi difícil inventar um enredo em que alguém matasse borboleta. Também colocou o cordão do caranguejo, do jabutí e do tucano, e os bois pai do campo, rei do campo e estrela d’alva, com os quais já ganhou concursos. A brincadeira da borboleta foi levada para um evento no Centur, em Belém. Esses cordões são acompanhados por sax, pandeiro, surdo e clarinete, tocada por Joana D’arc, filha de Marcinha. Ela coloca suas brincadeiras em junho, na festa de São João Batista, padroeiro da cidade, e em dezembro organiza as Pastorinhas, onde representa o papel da Lua. O grupo da melhor idade recebe aulas de Iracema Oliveira, senhora reconhecida por colocar todos os anos as pastorinhas em Belém. Marcinha, também coreografou recentemente a dança da peneira e do tacacá, e vem gravando CDs artesanais de suas apresentações.

Atualmente o grupo vigente de carimbó na sede é o Frutos da Terra, mas a cidade tem uma memória de vários outros grupos de carimbó, que tocavam durante a festividade de São Benedito, atividade que existe até hoje organizada pela Sociedade Glorioso São Benedito. Dessa época Marcinha relembra de Vitor Bentes, já falecido, do grupo Capim Gordura, de Deodoro do Pinga-fogo, de Brasilisio do Reponta, de Horácio Ferreira, Zeca Lima (sobrinho de Leal), e Raimundo Ferreira, também envolvidos com as festas. Anterior a tal cena, Marcinha recorda do tempo do carimbó no roçado, que ocorria entre os meses de dezembro e janeiro, onde quando acabava o roçado da maniva, o dono do terreno era perseguido pelos roceiros, se escondia na casa de farinha, e quando pego era laçado feito boi, derrubado no chão e entregue em sua casa, e nessa

chegada uma música era cantada, por vezes um carimbó, acampanhada por balde ou lata.

Na vila de Açú, em São João da Ponta, o senhor Pedro Monteiro Bandeira, conhecido como Pedro Carimbó, é um dos grandes incentivadores da cultura popular local, principalmente (tal como sua alcunha indica) do carimbó, manifestação cultural estimada por ele desde a sua juventude. Há alguns anos, Pedro Carimbó conseguiu alguns curimbós, banjo e maracas e resolveu criar o conjunto “Unidos do Açú”, com amigos da vila de Açú, porém, devido a inexperiência de alguns dos músicos, o conjunto não pôde seguir em frente. Pedro Carimbó possui várias composições, confecciona curimbós e, atualmente, toca curimbó e maracá no conjunto Frutos da Terra, sendo que já tocou no extinto conjunto Reponta.



Pedro Monteiro Bandeira,
o “Pedro Carimbó”
Foto 4: Equipe:
INRC/Carimbó (mar, 2009).

O Conjunto “Reponta” foi criado sob a responsabilidade do senhor Brasilísio, notório cantor e compositor de carimbó de São João da Ponta. De acordo com Pedro Carimbó, que fundou o conjunto com Brasilísio, o Reponta chegou a se apresentar em Curuçá, Mocajuba e em outras vilas de São João da Ponta, assim como nas festividades de São Benedito, sendo que acabou devido o adoecimento e posterior falecimento de Brasilísio. O conjunto era formado por músicos de vários municípios da região, a saber: Pedro Carimbó, Peique, Belém Nova, Nhôca, Gracito, Lorí, Miquinho, Brasilísio e Cheque.

O carimbó na região do Salgado, pelo que percebemos até agora, tem, em vários municípios, uma relação com a festividade de São Benedito, sendo que o grau de associação e a atualidade desta variam. Em São João da Ponta, segundo a descrição local, o

carimbó está fortemente associado à festividade de São Benedito, observando aqui, que o grupo musical é uma atração da festa. Ele é pago pelo festeiro para tocar no barracão, tal prática de pagamento vem de muitos anos. E a reclamação sobre a falta de apoio das autoridades parlamentares à manutenção das manifestações da cultura popular se repete nesse município.

A Sociedade Glorioso São Benedito foi fundada há mais de 50 anos, segundo seu atual presidente, o senhor Francisco Silva (conhecido por “Pam-Pam”), tocador de carimbó, mas só foi registrada em 1995. O prédio da sede foi erguido em alvenaria, no terreno onde ficava o barracão de palha, feito de cavaco, onde se dançava o carimbó sob a luz de lamparina, durante oito dias de dezembro, incluindo a passagem do ano e ainda hoje a sede é conhecida por barracão.



Atual sede da Sociedade Glorioso São Benedito, antes o barracão de palha que abrigava as celebrações em homenagem ao santo, sempre com o acompanhamento de carimbó no mês de dezembro.

Foto 5: Equipe: INRC/Carimbó (mar, 2009).

A celebração em homenagem a São Benedito vem acontecendo quase todos os anos, sempre no segundo sábado de dezembro, quando inicia com a levantação do

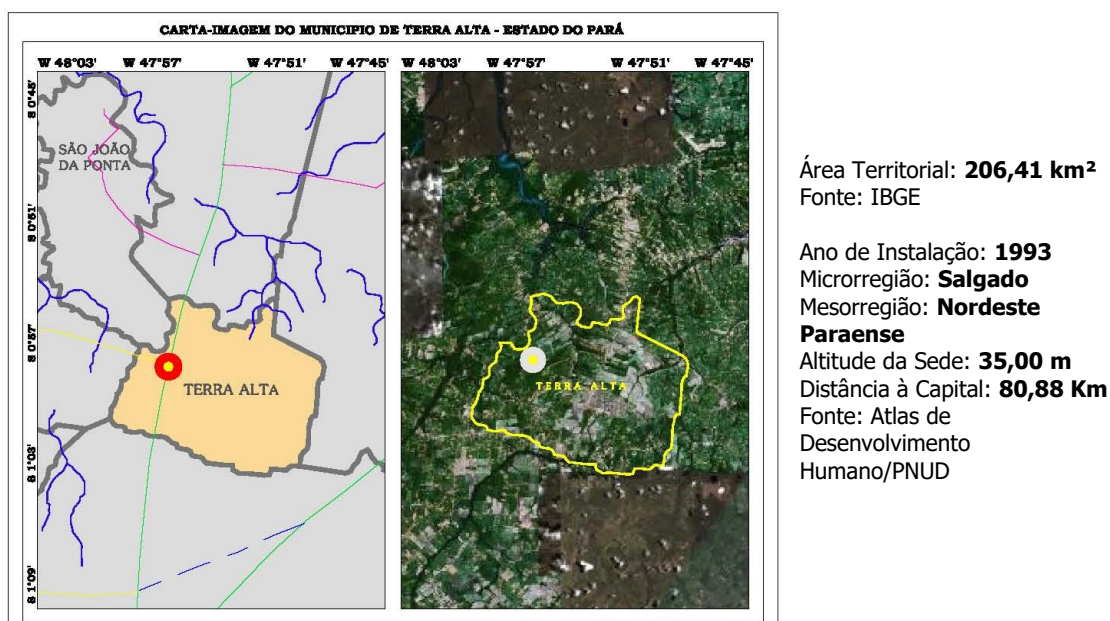
mastro, posteriormente no dia 26 de dezembro. É realizada a ladainha, em português, atualmente “puxada” pela senhora Ivone, cuja casa guarda a imagem do santo. Seu “Pam-Pam” ressalta que tem o sonho de construir uma pequena capela para abrigar São Benedito. Hoje não fazem mais a folia dos santos reis em janeiro, o que antigamente era realizado pelo grupo de carimbó Capim-Gordura. A “derrubação” do mastro acontece no segundo sábado de janeiro, à noite, ao som de carimbó e vai até o raiar do dia. Quem pega a bandeira é o festeiro no próximo ano e se responsabiliza em doar 500 reais e o café da manhã para a festividade.

Seu Francisco reclama que hoje a festa é acompanhada por “aparelho” (som mecânico), que os casais dançam juntos, afirmando que a coordenação da festividade é contra “música atracada”. Ele diz também que o carimbó de antes era “mais rápido”, que “se soava a camisa”, “tinha a onça” (instrumento de marcação tocado por Brasília), xeque, dois tambores, sendo um grande que era o curimbó e um pequeno tocado debaixo do braço, e a viola, tacada por Chico Lima. Para dançar o carimbó os homens usavam mangas compridas e as mulheres lenço na cabeça, sendo que na dança o homem ficava na frente da mulher. Seu Francisco tocou tanto nos conjuntos de carimbó Pinga-Fogo quanto no Capim-Gordura, e recorda que naquele tempo tudo era mais animado, era realizada a procissão fluvial de São Pedro e existia a banda de música do município, chamada dr. Dionísio Bentes.

É importante ressaltar que foram visitadas todas as localidades de onde se ouvia alguma referência de carimbó ou de seu extenso universo constitutivo (artesões, cantadores, dançarinos, lugares de preparação e apresentação). No entanto, por ser um município recentemente, desmembrado do Município de São Caetano de Odivelas (1997), existem raríssimos estudos específicos sobre esta manifestação cultural tanto no município quanto nas publicações existentes nos acervos da capital. A oralidade dos mestres e antigos moradores da localidade é uma das poucas, porém ricas, fontes de pesquisa, já que, em geral, não se percebeu uma espontaneidade na continuidade da execução do carimbó como celebração festiva do município. Exceto ao período dedicado às homenagens a São Benedito em dezembro, onde um grupo de pessoas reunidas na “Sociedade do Glorioso São Benedito” primam pelo carimbó como uma das atrações da festividade.

2.2. Viagem II – Terra Alta

O Município de Terra Alta possui uma população de 8.261 habitantes de acordo com o senso demográfico do IBGE no ano de 2000. Sua área territorial é de 206,41 Km², representando 0,02% do Estado do Pará. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,71 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano PNUD/2000. Seus limites territoriais estão demarcados ao Norte com o Município de Curuçá, a Leste com o Município de Marapanim, ao Sul com os Municípios de São Francisco do Pará e Castanhal e a Oeste com os Municípios de São Caetano de Odivelas e São João da Ponta. O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião Salgado e está distante da capital aproximadamente 98km, sendo que a cidade mais próxima é Castanhal, que fica a 28km de distância. A cidade está localizada às margens da rodovia PA-136, que liga Castanhal aos municípios de Curuçá e Marapanim.



O Município de Terra Alta foi criado através da Lei nº 5.709, de 27 de dezembro de 1991, tendo sido desmembrado do município de Curuçá, com sede na localidade de Terra Alta, que passou a categoria de cidade, com a mesma denominação. Sua instalação aconteceu no dia 1º de janeiro de 1991, com a posse do prefeito e vereadores eleitos no pleito municipal de 3 de outubro de 1992.

O perímetro urbano da cidade é delimitado pelo rio Braço Esquerdo do Marapanim ao Sul, que dá origem a vários balneários da cidade, entre eles o Rio Grande, Rio Negro e Ponte Velha.

O clima do município se caracteriza pelas temperaturas elevadas, com temperatura média de 27°C. No período de julho a dezembro predomina o tempo seco. A temperatura do ar é sempre elevada, com valor máximo de 31°C.

As principais atividades econômicas do município estão associadas ao setor primário da economia sendo a agropecuária o principal setor de atividade de seus habitantes. Dentre os principais produtos comercializados no município estão a farinha de mandioca, a pimenta-do-reino, o feijão e o milho, com destaque para o primeiro, base de sustentação da grande maioria da população de Terra Alta.

Dentre os principais produtos de origem animal, destacam-se os rebanhos bovinos, suínos e pequenas criações de aves, porém tais rebanhos não correspondem ao estoque de emprego do município. Nas dezenas de vilas e agrovilas, a base alimentar e comercial é a mandioca, seguida de pequenas plantações de lavouras sazonais.



PA-136, também a principal Avenida de Terra Alta.
Foto 6: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009).

A infra-estrutura do município ainda padece frente aos problemas de diversas ordens que vão desde a péssima conservação das estradas vicinais (no período chuvoso ficam impraticáveis) até o quase inexistente saneamento básico que obriga centenas de

famílias, principalmente nas agrovilas, a improvisarem fossas rudimentares muitas das vezes próximas a poços usados no cotidiano dos habitantes da região. Neste sentido, os dados do último censo do IBGE indicam que até o ano de 2000 o município não possui esgotamento sanitário, no entanto, 67,28% dos domicílios fazem parte da rede geral de distribuição de água e 23. 29% ainda fazem uso de poços comuns. O lixo produzido pelos domicílios não passa por nenhum tipo de tratamento e em geral a queima é a alternativa para dar fim ao mesmo, ou abrem-se buracos (chamados de curvão) para se enterrar o lixo, poluindo muitas das vezes o lençol freático.

O Campo

A viagem ao Município de Terra Alta aconteceu nos dias 21 e 22 de março e contou com todos os membros da equipe. A viagem a este município se constituiu como uma extensão da visita feita ao Município de São João da Ponta e, pela proximidade entre estes, conseguiu-se fazer um levantamento bastante proveitoso no que se trata de uma maior cobertura da área pesquisada.

Em Terra Alta foi visitada, além da sede municipal, a agrovila de Vista Alegre do Maú a única com referência da incidência de carimbó dentre as agrovilas do município. Ressalta-se que, dado o pouco tempo em campo, os relatos apontaram para uma importante referência de alguns mestres já falecidos, muitos deles advindos principalmente dos municípios de Marapanim e Curuçá, sendo que, Terra Alta teve seu território desmembrado deste último em 1991.

Foram identificados os conjuntos de carimbó: “Amigos de Terra Alta” e “Meninas de Terra Alta” na sede municipal, e o “Conjunto Sayonara” na agrovila de Vista Alegre do Maú, ambos constituindo manifestação vigente. Os grupos “Os Quentes de Terra Alta”, “Brasas Viva”, “Os Feras de Terra Alta”, todos na sede municipal constituindo manifestação memória.

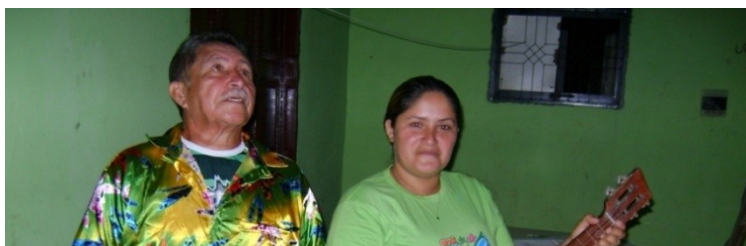
O grupo “Amigos de Terra Alta” é uma dissidência do grupo “Quentes de Terra Alta”, que existiu na década de 80 e gravou um LP com músicas autorais. Tal LP foi gravado em Belém com apoio do radialista Valdir Araújo da Rádio Clube, e o grupo, liderado pelo compositor João Canuto das Neves, tocava nas festas juninas no bairro do Jurunas em Belém, acompanhando as disputas que ocorriam entre as “aparelhagens”.

Entre os demais grupos antigos da cidade existiu o Brásas Viva de Raimundo Brandão e os Feras de Terra Alta de “Ruxinho”.

Mestre Adamor, que era parceiro de João Canuto nas composições, saiu dos Quentes de Terra Alta devido ao insucesso do LP não alcançando assim suas expectativas que, segundo ele, “se desgostou do carimbó”. Fundou então os Amigos de Terra Alta em 2004, cujo nome é uma referência ao grupo de futebol da cidade, do qual integrantes do grupo faziam parte. O grupo é composto por Adamor, voz e curimbó, que também confecciona o instrumento com a madeira da Faveira e couro de boi entarrachado; Hélio no curimbó e Hamilton, já falecido, tocava milheiro, ambos seu filhos; “Deputado” no sax; “Ceará” no banjo; “Perigoso” no curimbó e “Branco” no milheiro.

O grupo participou, em dezembro de 2008, do festival do caranguejo de São Caetano de Odivelas e estão ensaiando para tocar nas festas de domingo na sede do Independente Futebol da cidade. O Conjunto ainda não possui dançarinos por conta de dificuldades financeiras de custear os uniformes, cuja cor é esverdeada e estampada na farda dos músicos. O carimbó de Terra Alta, segundo o mestre, anda meio “parado”, sem apoio da prefeitura, “antigamente” os grupos tocavam todo ano durante as festas juninas. Segundo Adamor, coordenador do “Amigos de Terra Alta”, nunca houve uma relação da manifestação do carimbó com a religiosidade local. Em setembro acontece a procissão da padroeira local, Nossa Senhora do Livramento, mas não há carimbó no período.

Vale destacar aqui, que mestre Adamor aprendeu carimbó com mestre Cantídio do “Canarinhos do Araticum”, seu tio. O legado de Adamor está sendo deixado para suas filhas, que em 2007 formaram o grupo Meninas de Terra Alta, no qual cantam composições de Adamor, o grupo é formado por: Eliete na maraca, Elenice na voz; Elineite no banjo que aprendeu com o pai; Helen no milheiro e quem “segura” os curimbós são os seus netos, ainda meninos.



Seu Adamor, responsável pelo conjunto de carimbó Amigos de Terra Alta com uma de suas filhas participantes do grupo que seu pai ajudou a

O Conjunto de Carimbó Sayonara foi fundado em 06 de setembro de 1987 com este nome em homenagem à banda Sayonara de Belém do Pará, o que revela a experiência inicial de Antônio Alves, também conhecido por “Macaco”, líder do grupo de carimbó, que começou com músico de banda de “jazz”. Se considera um compositor do tipo que “é só dar o tema”, só compõe no banjo e se considera profissional do carimbó. Aprendeu desde cedo com seu tio que tocava flauta e viola em banda de “jazz” e nas serenatas. Iniciou numa banda de “jazz”, tocando a bateria num conjunto de que tinha bumbo, tarol, prato, triângulo, viola e flauta de chave, cujo repertório incluía samba e bolero, e, depois “pulava em cima do curimbó”, passando a tocar banjo no grupo “Os Feras da Cidade” de Terra Alta.

Mestre Macaco nos conta que trouxe o carimbó para Vista Alegre e desde então vem mantendo a tradição. O conjunto é composto por Antônio da Cruz Modesto (macaxeira) no canto; Adelson Alves (“Breia”) curimbó, que tocou no Borboletas do Mar de Marapanim; Éder Alves (“Gurijuba”) no curimbó, sendo estes dois últimos filho e neto Mestre Macaco respectivamente; Umberto Lima da Silva (Martinho) confecciona e toca maraca; Antônio Lopes (“Mico”) no pandeiro; Valentin da Luz Filho no xequê e milheiro; Ademilson (“Deputado”) de São Pedro, lugarejo de Curuçá, no saxofone, quando não o Geraldinho da flauta. Mestre Macaco, canta, toca a onça e o banjo, que confecciona com fórmica, disco de vinil, panela de pressão, pele de tarol e raio de bibicleta, e, vende a 150 reais, assim como também faz o curimbó, com pau oco de quaruba, cupiúba, eixo de bicicleta, tarracha e couro de boi.



Mestre “Macaco”
mostrando a equipe o que
mais sabe e gosta de fazer:
tocar banjo e cantar
carimbó.

Foto 8: Equipe
INRC/Carimbó (mar, 2009)

O grupo já se apresentou em eventos em Marituba, Castanhal, Curuçá, Festirim-bó em Santarém-Novo e festivais em Marapanim, de onde Macaco reclama: “se fecharam em copa, pra não dar ponto pro interior”. Costumam tocar também em aniversários, sendo que o aniversariante só paga o músico (sopro). Em sua memória do carimbó do município mestre Macaco recorda de “Rouxinho” do grupo “Os Feras da Cidade” do “Rodela”, do “Brasa Viva” de Adamor e dos “Quentes de Terra Alta”, seus contemporâneos. Seu grupo de dança em suas apresentações, quando solicitado, ainda mostra a “dança do peru”, “da pomba com o gavião” e do “Tejucurarú”, do tempo em que a mulher dançava com lenço na cabeça. A farda do grupo é roxa e é confeccionada por 30 reais por Maria Raimunda da Silva, esposa de mestre Macaco e dançarina do grupo.

Em Vista Alegre dezembro é a data do carimbó, ele faz parte da festividade de São Benedito, da levantação do mastro, que é dia 25 de dezembro; depois se toca carimbó na passagem de ano e no dia 06 de janeiro na “derrubação” no dia de Reis. Tem esmolação e ladainha, sendo esta “puxada” por Ormentino. O santo fica guardado na capela de Nossa Senhora do Livramento, na sede do clube de futebol. Mestre Macaco também “tira” música para a folia do santo, cujos instrumentos são: reque, banjo, pandeiro, tambor e, às vezes, saxofone.



Local de preparação, ensaio e também de festejos do Conjunto Sayonara, um barracão construído no quintal da casa de Mestre Macaco.

Foto 9: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009).

Além de seu desempenho no carimbó e na festividade de São Benedito, mestre Macaco é amo de boi-bumbá: do boi “De Repente”; assim como do cordão da cutia, da paca, do tatu, da pantera, do veado, catitú e da passarada: aracuã e papagaio. Lembra de famoso artesão dos bichos, seu José Melo do Anani. De sua vida dedicada a tais manifestações artísticas, mestre Macaco apenas lamenta por ter tido, segundo o mesmo, algumas de suas composições “levadas” para Marapanim, por exemplo, sem haver uma referência de sua autoria. Quanto à vivacidade da tradição do curimbó ele acredita que a atual geração gosta do ritmo e quanto a sua manutenção ele está tranquilo, pois, segundo o mestre, já tem um herdeiro, que é o seu filho “Breia”.

Na agrovila de Vista Alegre do Maú, os ofícios relacionados ao trabalho na agricultura possibilitaram, a dezenas de anos atrás, o aperfeiçoamento da confecção ou construção de utensílios para a facilitação do trabalho com materiais retirados da própria natureza como os feitos de talas: tipitis, peneiras, abanos, cestos, dentre outros. Alguns destes mestres artesões como no caso do Sr Humberto Lima da Silva conhecido por Martinho, além de se dedicar a produção dos utensílios citados acima, se especializaram na confecção de alguns instrumentos musicais de acompanhamento do carimbó como os tambores (curimbós) e as maracas.

Seu Martinho, maraqueiro do conjunto Sayonara, conta que aprendeu este ofício há mais de uma década (pela necessidade deste ter seus próprios instrumentos, uma vez que já participava de conjuntos de carimbó) “as maracas são instrumentos fundamentais de qualquer conjunto de carimbó”. A sonoridade da maraca (média, aguda ou grave) vai variar conforme o tamanho da cuia, utilizada para confeccionar o instrumento. Retira-se a cuia madura direto da cuieira (árvore). Conforme explica Martinho, para saber se uma cuia já está madura, deve-se raspar sua superfície com as unhas, sendo que as cuias

maduras possuem a superfície rígida. Faz-se um orifício e enche-se a cuia com água para amolecer sua polpa. O processo de retirada da polpa, que deve ser feita gradualmente, demora cerca de quinze a trinta dias. Após a retirada da polpa, realizada com algum pequeno pedaço de arame ou sem utilizar qualquer instrumento, faz-se um outro orifício, menor e oposto ao anterior, cerra-se um pedaço de cabo de vassoura, com uma ponta menor do que a outra, de acordo com a medida dos orifícios, coloca-se várias esferas ou escumilho no interior da cuia (pacote de rolamentos de bicicleta), e atravessa-se a cuia com o cabo. Na extremidade do cabo, pelo orifício menor, faz-se um pequeno furo para prendê-lo com arame recozido. Raspa-se a superfície da cuia com faca para dar regularidade cilíndrica e pinta com tinta preta ou de qualquer outra cor. Segundo Martinho, o ritmo da maraca combina-se com o banjo e o tambor, “segurando o tempo”, realizando rápidos “estribilhos” (fraseados rítmicos) incidentais. A confecção de maraca por seu Martinho é feita somente para uso próprio (com algumas exceções para venda) diferentemente dos outros produtos de seu ofício, como as peneiras, paneiros, abanos e tipitis. Para este artesão, o aprendizado da feitura se deu de maneira autodidata, observando os instrumentos confeccionados e os procedimentos que foram definidos gradualmente por ele através da prática, seguindo, atualmente, um padrão específico. Em Vista Alegre, além de Martinho, Adelson (Brêia), que também toca no Sayonara, confecciona maracas e curimbós.



Mestre Martinho tecendo um paneiro. É um dos poucos artesãos em atividade no município de Terra Alta.

Foto 10: Equipe INRC/Carimbí (mar, 2009).

Maracas, cestos, abanos e tipitis (em cores). Os objetos produzidos por Mestre Martinho podem ser encontrados também em miniaturas para enfeites.



Os dois primeiros municípios pesquisados dos cinco previstos para este trabalho são municípios com características bastante próximas, tanto nos seus aspectos geográficos, quanto nos seus aspectos históricos. No que se refere ao primeiro, a área que corresponde aos municípios de São João da Ponta e Terra Alta são próprias do que os habitantes da região denominam de área de terra firme, ou de água doce, ou da agricultura. Suas paisagens pouco diferem umas das outras e, em ambas, os lugarejos estão conectados por estradas (na sua grande maioria de chão – sem asfalto) ou por trilhas onde só passam animais de carga, bicicletas e tratores que transportam a produção agrícola como a farinha de mandioca, principal produto comercializado da região. Tais estradas vicinais funcionam como principal elo entre as comunidades sendo que em algumas áreas, o rio também assume tal papel nesse emaranhado de vias que levam de um lugar a outro sem o tão sonhado asfaltamento.

Quanto aos aspectos históricos, os municípios citados acima são de origem recente, ou seja, seus territórios foram desmembrados de outros a pouquíssimo tempo, sendo comum ainda a referência, principalmente das pessoas mais antigas da localidade, ao antigo município ao qual pertenciam. Neste sentido, a grande maioria da população de Terra Alta faz referência direta ao Município de Curuçá o qual foi desmembrado. Assim como a população de São João da Ponta faz referência ao Município de São Caetano de Odivelas.

Este quadro serve para demonstrar que mesmo tendo denominações territoriais diferentes, tais municípios fazem parte de um mesmo universo cultural com pequenas variações de um lugar para o outro. Assim, as referências de carimbó da área têm muito haver com o processo histórico de ocupação e migração das diversas áreas do litoral do Nordeste Paraense. Identificaram-se, nos dois municípios pesquisados, poucos relatos diretos que ajudam a contar essa historicidade, porém, em diferentes ocasiões das

entrevistas, vinha sempre a tona a questão do carimbó relacionado à prática dos negros que o executavam sempre no mês de dezembro em homenagem a São Benedito.

Atualmente, são poucos os grupos em atividade tanto em São João da Ponta, quanto em Terra Alta (ver anexo I), suas atividades não mais possuem atrelamento às festividades religiosas ou propósitos festivos com datas pré-definidas nas comunidades (mesmo que os mais antigos afirmem que o mês de dezembro é o mês do carimbó). Suas apresentações estão hoje mais restritas a “contratos” para tocar em aniversários, festas de clubes de futebol e em alguns festivais folclóricos promovidos pelas prefeituras locais.

Dentre os principais problemas apontados pelos entrevistados relacionados à prática do carimbó, estão as dificuldades de se encontrar músicos de instrumentos de sopro já que as cidades, em geral, não possuem escolas de música. Neste sentido, os poucos que tocam o carimbó são disputados pelos grupos da região e, normalmente, são os que recebem a maior quantia dos cachês, muitas vezes são, na verdade, os únicos que recebem.

Outro aspecto comum dos relatos tem haver com o que definem como “falta de apoio” por parte do poder público, no entanto, tal apoio, segundo os mesmos, deveria ser dado em forma de compra de material (roupas, instrumentos, etc.) e também como ajuda financeira nas apresentações das programações festivas dos municípios, bem como ajuda nos deslocamentos e alimentação quando os grupos vão se apresentar em outros municípios, normalmente em festivais folclóricos ou eventos turísticos.

Ao término desta etapa da pesquisa do carimbó na Microrregião do Salgado Paraense, teremos disponível um panorama explicativo mais consistente na medida em que dispormos de um levantamento de campo bem maior e a maior parte da literatura sobre o tema já lida.

Há ainda uma ressalva sobre as condições de trabalho de campo que está sendo realizada. Em virtude do período chuvoso na região as estradas, na sua grande maioria, estão impraticáveis, sendo necessário, em alguns casos, a continuação de percursos a pé. Ressalta-se ainda que o remanejamento de recursos de deslocamento mais uma parte das diárias dos pesquisadores para aluguel de automóvel se tornou indispensável na medida em que as prefeituras locais não dispõem de frota suficiente para atender as necessidades dos pesquisadores que prestam serviços nos municípios. As distâncias entre as comunidades, onde se localizam a maioria dos grupos, pessoas e locais

relacionados ao carimbó dificilmente seriam percorridas sem a utilização de veículo à disposição da equipe de pesquisa.

Não obtivemos também o apoio de nenhuma das prefeituras dos municípios visitados através das Secretarias de Cultura, haja vista, o não retorno dos contatos preliminares feitos através de ofícios enviados pela 2ª SR IPHAN e em campo sem a possibilidade de encontrarmos os representantes do poder público local em virtude de as viagens estarem acontecendo nos finais de semana e/ou feriados prolongados.

Ressalta-se, no entanto, todo o apoio dado por pessoas envolvidas na manifestação de alguma forma ou ativistas culturais locais os quais a partir do momento que tomaram conhecimento do projeto, seja pelo contato com a equipe ou por via de informações advindas da Campanha do Carimbó, nos ajudaram a mapear a área a ser percorrida em busca de informantes e locais de incidência do carimbó e seu universo representativo.

A pesquisa está em fase de viagens de campo onde, segundo o cronograma, serão cinco municípios visitados. Dentre eles, já foram visitados os municípios de São João da Ponta e Terra Alta durante os dias 19 a 22 de março. Além destes, foram feitas viagens aos municípios de Maracanã e Magalhães Barata nos dias 9 a 12 de abril, sendo que os resultados preliminares desta viagem ainda estão sendo tratados e entrarão no próximo relatório, assim como a viagem ao município de Curuçá que acontecerá nos dias 18 a 21 de abril, fechando assim os cinco municípios relacionados para o trabalho de campo desta etapa do levantamento preliminar da microrregião do Salgado Paraense.

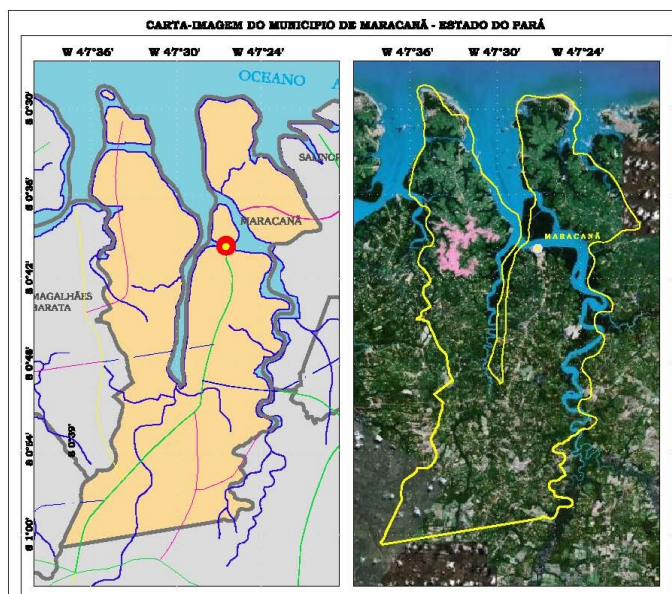
2.3 – Viagem III – Maracanã

O Município de Maracanã possui uma população de 27.571 habitantes de acordo com o censo demográfico do IBGE de 2000. Sua área territorial é de 780,72 km², representando 0,6% do Estado do Pará. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,66 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano PNUD/2000. Seus limites territoriais estão demarcados ao Norte com o Oceano Atlântico; a leste com os municípios de Salinópolis, Santarém Novo e São João de Pirabas; ao Sul com o município de Igarapé Açú e a Oeste com os municípios de Marapanim e Magalhães Barata. O Município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e a Microrregião do Salgado e está distante da capital a aproximadamente 140 km. A cidade está localizada

no final da PA-127 às margens do rio Maracanã próximo a sua confluência com o Oceano Atlântico.

Área Territorial: **780,72 km²**
Fonte: IBGE

Ano de Instalação: **1755**
Microrregião: **Salgado**
Mesorregião: **Nordeste Paraense**
Altitude da Sede: **45,00 m**
Distância à Capital: **140,03 Km**
Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD



A origem do município de Maracanã está relacionada a uma missão catequista dos jesuítas, na aldeia dos índios Maracanã, já existente no local, e instalada em 1653, na época da chegada do padre Antônio Vieira ao Pará. Em 1755 a então Povoação ou Vila de Maracanã é transformada em Município com a denominação de Cintra, atendendo a política de mudanças de denominações indígenas por topônimos de Portugal. Sua área inicial corresponde onde atualmente estão situados os municípios de Maracanã, Marapanim, Santarém-Novo e Salinópolis, além de uma parte de Igarapé-Açu.

Em 1897, o município volta a possuir o antigo topônimo de Maracanã através de uma campanha iniciada pelo vigário local destinada a fazer com que o município voltasse à denominação primitiva. Em 1961, dá-se a última demarcação territorial do município com o desmembramento de suas terras do atual município de Santarém Novo. Atualmente o município de Maracanã é constituído pelos distritos de Maracanã (sede), Boa Esperança e São Roberto².

O município de Maracanã possui uma área privilegiada do ponto de vista de suas paisagens naturais. Sua área de terra firma é totalmente entrecortada de igarapés de água doce e por furos de marés de água salgada que enchem e secam pelo menos duas vezes por dia. Além disso, o município possui belas praias como Marieta e Algodual, esta última localizada na ilha de Maiandeuá.

² Fonte: SEPOF – Estatísticas municipais, 2008.



Orla da cidade de Maracanã.
Foto 12: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009).

O mercado na orla da cidade. Ao fundo um dos prédios históricos que ajudam a contar a história do lugar.
Foto 13: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009)



As principais atividades econômicas do município se dão em torno da pesca, da agricultura e do comércio respectivamente. O emprego formal está concentrado no setor de serviços seguido pelo comércio e pela administração pública, no entanto, é neste último que há o maior estoque de emprego do município, onde em 1999 haviam 159 empregados na administração pública, em 2006 passaram para 917³.

A agricultura e a pesca são os dois principais setores de sustentação econômica da população de Maracanã. No primeiro destacam-se as plantações de arroz (em casca) e mandioca, no segundo a pesca artesanal e industrial que movimenta o mercado pesqueiro da cidade como pólo de abastecimento da região.

³ Fonte MTE/RAIS, Elaboração SEPOF/DIEPI/GEDE

A infra-estrutura do município é insipiente, apenas 7,79% dos domicílios possuem rede de esgoto sanitário, sendo a fossa rudimentar usada por 43% destes domicílios. A rede geral de abastecimento de água atende a 42,64% dos domicílios.

A cultura do município está representada pelas celebrações do calendário católico como a festividade de São José Arcanjo (padroeiro da cidade), Nossa Senhora de Nazaré e São Benedito. Os cordões de bicho, bois-bumbá e grupos de carimbó são outras manifestações da cultura produzida em Maracanã sendo os meses de junho e dezembro onde estas atividades se concentram.

O artesanato é representado principalmente pela produção de materiais para o uso nos trabalhos da pesca e da agricultura como a construção de currais, canoas e pequenas embarcações.

O Campo

A viagem de campo da equipe INRC/Carimbó ao município de Maracanã aconteceu nos dias 9 e 10 de abril e contou com todos os membros da equipe. Na chegada à sede deste município, a equipe foi recepcionada por um membro da campanha: “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro – nós queremos!” Manoel de Oliveira Teixeira, o “Preto” que coordena o “Espaço Cidadão Tio Milico” na localidade de Fortalezinha, ajudou no deslocamento da equipe e nas indicações de grupos, mestres e demais agentes culturais relacionados ao carimbó naquele município. Sem dúvida sua colaboração otimizou consideravelmente o tempo da equipe em campo.

Foram identificados os conjuntos de carimbó: “Novo Zimba”, “Canarinho”, “Unidos de Maracanã”, ambos na sede municipal e os conjuntos do “Tio Milico” e “Banzeiros” na localidade de Fortalezinha, os conjuntos “Regional”, “Nativos do Canal” e “Carimbó Praiano” (memória) em Algodoal. No total identificou-se 12 bens culturais relacionados ao carimbó no município de Maracanã, sendo 8 (oito) constituindo manifestação vigente e 4 (quatro) de memória.

Depois do trabalho feito na sede do município, a equipe, com a assessoria de “Preto” partiu em direção à localidade de 40 do Mocoóca, em um percurso feito em pelo menos 4 horas onde metade deste percurso foi feito em estrada de chão e a outra em estrada de buracos, sendo que, devido à forte chuva que caía na região, as poças apareciam a todo instante. Por fim, chegamos à 40 do Mocoóca por volta das 19 horas do dia 9 de abril (quinta-feira), depois de definido o local de guardar o carro alugado

pela equipe, atravessamos de “rabeta” (canoa com motor) para a localidade de Mocoóca, de onde partimos em caminhada em direção à Fortalezinha em um percurso de 20 min de caminhada. Pernoitou-se neste local, e, no amanhecer do dia 10 já estávamos em caminhada, atravessando a ilha de Maiandeuá até a localidade de Camboinha em percurso feito a pé (com as bagagens em cima de uma carroça) que durou pelo menos 1 hora. No meio deste percurso ainda aproveitou-se para se realizar uma entrevista com um neto (Sr Menezes) de uma negra chamada “Mestra Magá” cuja trabalhou em antiga fazenda localizada na ilha comandada por um português e que organizava uma festa em homenagem a São Benedito onde se executava o carimbó).

Em Fortalezinha, a equipe embarcou em mais uma “rabeta” até a praia de Algodão, retornando depois do trabalho realizado neste local em barco fretado até a “base” da equipe em Fortalezinha, embarcando no dia seguinte em retorno para a localidade de Martins Pinheiro e em seguida ao município de Magalhães Barata.



Localidade 40 do Mocoóca.
Foto 14: Equipe
INRC/Carimbó (abril de 2009).

Praia de Algodão.
Foto 15: Equipe
INRC/Carimbó (abril de 2009)



As referencias relacionadas ao carimbó neste município são historicamente comprovadas e estão relacionadas ao processo de formação territorial da área através das migrações populacionais advinda por terra (sobretudo do Estado do Maranhão) como no caso da localidade de Martins Pinheiro, fundada por negros foragidos e que atualmente a comunidade busca um reconhecimento desta área como remanescente de quilombo. E pela água, sobretudo a partir dos portos de parada das embarcações comerciais como em Curuçá e Bragança, onde se formaram as primeiras povoações de “não-gentios” vindos de outros estados brasileiros e de fora do território Nacional.

As manifestações referentes ao carimbó no município estão diretamente ligadas a história da antiga povoação chamada de Vila Chata, atualmente Martins Pinheiro, em praticamente todos os relatos de entrevistados, as referencias apontam para o início dos “batusques” com a chegada de uma família de negros vindos do Maranhão. Ao que estes relatos indicam, a Vila Chata foi uma espécie de pólo irradiador carimbó da região. Os mais antigo lembram de cantigas de trabalhadores(as) da roça e lavadeiras das beiras dos igarapés que acabaram por se tornar músicas que eram cantadas nas rodas de carimbó daquele período, que ao que parece, corresponde às primeiras décadas do século XX.

Segundo vários mestres de carimbó de Maracanã, Martins Pinheiro é o lugarejo originário do carimbó na região, era onde aconteciam as festas dos negros escravos vindos do Maranhão. Não afirmam que o carimbó tenha sido trazido do Maranhão e sim que foi desenvolvido na Vila Chata, como era conhecido o lugarejo. Região quilombola, segundo mestre Pavil, dançarino e neto dos seus primeiros habitantes da “época que patente era a cor” naquela colônia, onde a única casa de alvenaria era a pertencente à senhora de “pele clara” Ana Nazaré, e as demais eram de palha. O carimbó era dançado em homenagem a São Benedito, como pagamento de promessa, observando aqui, que muitas vezes, tal regozijo se dava pela graça alcançada pelo promesseiro de que sua casa não se incendiasse.

Mestre Pavil, dançarino vencedor de vários concursos de carimbó, ao lado de Maurícia, sua dama, é neto de tocador de curimbó migrante do Maranhão e de Benedita, nascida no Pará, e, reconhecida tocadora e dançarina da manifestação, foi escrava numa fazenda na Vila Chata. A Sra Benedita morreu aos 108 anos.

O ciclo da festividade de São Benedito, onde o carimbó era executado, começava no dia 20 de dezembro, quando se levantava o mastro para São Tomé, pelo juiz do mastro e da bandeira, que davam sacas de farinha e outros alimentos para a festa. No dia 24 acontecia a festa do Menino Deus, seguida pela comemoração, dia 26, de São Benedito, padroeiro, regada com manicuera, café, carne de porco, licor de genipapo e de abacaxi. Quanto à coreografia do carimbó, mestre Pavil lembra que “a dama não passava na frente do cavalheiro e este dobrava para o lado da dama e dava o bréc”.

Mestre Pavil, também chegou a participar do “entrudo”, denominação dada ao início das chuvas onde plantavam a mandioca no meio do milharal, por volta do horário do almoço, amarravam o dono da plantação e o traziam amarrado e coberto de lama. Misturavam goma seca com papel de seda colorido com água e perfume para passarem no corpo durante a brincadeira, tomavam uma “cuiona” (cuia grande) com manicuera. Hoje esse ritual já não existe por que, segundo mestre Pavil, “as pessoas não gostam mais de se sujar, as mulheres hoje em dia pintam as unhas, e não querem mais essa brincadeira”.



Localidade de Martins Pinheiro. As indicações dadas pelo levantamento preliminar no município de Maracanã levam a um marco de irradiação do carimbó para a região à partir desta localidade. Foto 16: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009).

Até pouco tempo, existia apenas um conjunto em atividade em Martins Pinheiro: O Conjunto Maracanãzinho, criado em 2004, mas acabou em 2007 e agora mestre Djalma voltou a ensaiar e a se apresentar, mas ainda está sendo escolhido o novo nome do grupo. Afirma que “é assim mesmo, uma época o carimbó quase não é tocado, tempos depois volta à ativa”. Mestre Djalma fala da memória do carimbó local referindo aos “outros”, dizendo que daquela época quem ainda é da família dos negros é Heitor, cantor e tocador de carimbó, que só tocava músicas que aprendeu com pais e avós, músicas que, segundo ele, ficaram “desde o começo do mundo”. “O pessoal diz que somos quilombolas por que já temos o carimbó faz tempo... por motivo dos escravos foi trazido o

carimbó, veio dos negros e misturou com os vermelhos e morenos”. Segundo ele não existiu fazenda com escravo no local, mas os negros foram os primeiros ocupantes da vila entre eles a senhora Benedita, escrava no Maranhão, cuja família toda tocava e dançava em dezembro.

O pai de mestre Djalma, era tocador de viola, Raimundo Martins, “botava brincadeira de pássaro”, e participava do carimbó. Ainda se encena pássaro na localidade, como o “Faizão”, no qual ele toca viola. Ele é o banjista e o mais velho no seu grupo de carimbó, cujo sax é tocado por Sayd de Magalhães Barata ou substituído pela flauta tocada por Geraldinho. O conjunto ainda mantém o costume de aquecer o curimbó para esticar o couro, instrumento este feito com a madeira da siriúba e couro de boi esticado em um torno. Lembra da época da dança do “Iá, do peru” e da “pomba com o gavião”, quando os instrumentos do carimbó eram o pandeiro de couro de cutia ou veado com fichas; violinha, ganzá de cuia e a japecanga (instrumento com fichas e som agudo), e as damas dançavam com lenço. De vez em quando acontecia o “entrudo”, do qual só ouviu falar e não chegou a participar, acontecia na época do roçado, e com lata com água para jogar no colega.

O barracão do carimbó fica na sede ao lado da igreja de São Benedito, segundo mestre Djalma, o carimbó deve ter por volta de 150 anos na vila. Aqui a época do carimbó ainda é em dezembro, dia 27 pela manhã é celebrada a missa, à noite acontece o arraial, onde a banda se apresenta com instrumentos de sopro, seguida pelo seu grupo de carimbó que reveza com o “aparelho” até o amanhecer do dia 28, no qual se comemora São Benedito, pela apresentação o grupo recebe a quantia de 200 reais. Há uns anos atrás a irmandade de São Benedito realizou a marujada; antigamente era feita a folia, na qual o mestre tocava a viola, mas há mais de 10 anos não acontece por que o padre não mais consentiu que o santo saísse para esmolação. “Os mais velhos morreram, está acabando o carimbó, os jovens gostam de dançar, mas não gostam de aprender a tocar, não vai ter futuro, por que tem pouca disposição, eu morrendo , acaba, nenhum filho meu quis aprender”.

Outra referência histórica importante do carimbó na região está situada na localidade de Fortalezinha, mais precisamente no interior da ilha de Maiandeuá.

Margarida Menezes Teixeira foi filha dos portugueses “fundadores” da ilha de Fortalezinha, cuja propriedade das terras, onde criavam gado, data de 1912. “Tia Magá”, como era conhecida, era pajé, parteira e devota de São Benedito, para o qual realizava o festejo todo ano em dezembro. Segundo seu filho tocador de curimbó, Moacyr

Menezes, ela passava o ano todo preparando a celebração, criava porcos para servir para os participantes, tecia o estandarte do santo, fazia a cajuína e enterrava para apurar, mandou fazer o barracão e cinco dias de festa seguiam com comida para todos e muitas horas de carimbó



Moacir Menezes Teixeira, herdeiro de mestra “Magá” segurando uma pequena imagem de São Benedito deixada por sua mãe a qual celebrava anualmente em dezembro, em Fortalezinha, os festejos para o santo sempre acompanhado do carimbó.

Foto 17: Equipe INRC/Carimbó (Abr, 2009)

As rodas de carimbó eram organizadas por dona Magá, que chamava os tocadores: “Manteiga”, “Carrão”, “Baixote”, João Lopes, Miguel, Pedro “Bagre” e “Chico Braga”, este último remanescente do grupo é mestre de carimbó reconhecido pelos habitantes e turistas da praia de Algodóal. Os instrumentos eram: três curimbós, um reco-reco, uma onça, um pandeiro, uma viola, flauta transversal de madeira. Seu Manoel era o artesão da viola. Quando dona Magá adoeceu a festividade de São Benedito não mais aconteceu e o grupo de carimbó se desarticulou. Hoje se toca o carimbó nas festas de São Pedro, na regata (evento de barqueiros da ilha) e de São João. Segundo Eliaci Barbier, artista plástica e nora de Magá, o carimbó acontecia motivado pela devoção e diversão, hoje não há mais o vínculo religioso. Músicos antigos, como “Zé Mingau”, Chico Braga e “Gatinho” tocam no Bar do “Telo”, em Algodóal, para o circuito intenso de turistas, e em 2005, ganharam o concurso de carimbó da ilha, como Conjunto Praiano.

Na fala da senhora Eliaci Barbier, que veio morar na ilha há alguns anos, há um discurso crítico de denúncia sobre as condições sociais e culturais em que se encontra o lugar: “Algodóal perdeu a essência”. Conta do impacto do turismo, que, segundo ela, trouxe poluição ambiental e o problema do uso de drogas. O estilo de vida de pessoas que visitavam a praia anteriormente e as que visitam hoje é diferente, assim como suas noções de liberdade. Para ela, o que era sossego, hoje foi substituído por violência, o exemplo são os casos de roubo e estupro comuns; Além disso, há a saturação ambiental

devido o lixo produzido durante as férias, algo inviável para o lugar. No entanto, segundo a entrevistada, essa não é a opinião mais comum entre os habitantes da ilha, já que o turismo se tornou sua fonte de renda principal. Eliaci comenta que, apesar de se tocar muito carimbó, o gênero do reggae foi escolhido pela juventude turista, como a “música de Algodão”.

São Benedito é uma referência constante nas celebrações festivas onde o carimbó era (em alguns lugares ainda é) executado ou praticado como o que acontece na sede municipal de Maracanã. É importante ressaltar que, mesmo com muitas destas celebrações estarem extintas da forma como eram praticadas, há pessoas que se dedicam a “reconstituir” novamente o sentido dos festejos e sua relação simbólica com a prática do carimbó. Desta forma, ao ver seus pais lamentarem o desinteresse da população da cidade de Maracanã pelas festividades de São Benedito, Divino Espírito Santo e Folias de Reis, Benedito Conceição (o “Pelé”) prometeu a eles que, antes de falecerem, ainda o veriam promover a folia de São Benedito. Na época, seu pai duvidou, mas, oportunamente, um dos amigos de Benedito Conceição, o Marcos Salomão, convidou-o para retomarem a folia no município. A partir de então, Benedito Conceição e Marcos Salomão foram atrás dos mais “antigos” de Maracanã, que já haviam participado da folia de São Benedito noutras épocas. A primeira pessoa com a qual chegaram para conversar foi o seu Ubasílio, que indicou outros conhecedores da festividade de São Benedito e das folias, como seu Manoel Pedro (“Papo-Fundo”), seu “Pirí” e seu Manoel (“Caraca”). Benedito Conceição os chamou, em 2004, para retomarem a Folia de São Benedito, sendo que, começaram a organizar a folia um ano antes, em 2003.

De acordo com Benedito Conceição, a festividade de São Benedito, durante o mês de dezembro, é mais estimada do que a festa do padroeiro de Maracanã, São Miguel, e é o terceiro ano que o grupo de Benedito Conceição já realiza a festa do *mastro* (feito de troncos leves de árvores, que vão buscar nas proximidades da área urbana do município). A folia ocorre nas “casas de família” de Maracanã onde os foliões chegam com o santo arrecadando os donativos e cantando folias. Segundo Benedito Conceição, as folias só poderiam ser cantadas em casas que tivessem oratórios, para que se colocasse a imagem do santo. Caso não tivessem, os foliões apenas visitariam e pegariam os donativos, mas, atualmente, as folias são cantadas para todos que solicitem. Uma folia completa é composta por doze estrofes, porém, uma vez que são muitos os pedidos, geralmente se cantam apenas *meia laranja* (duas ou três

estrofes). A orquestra do grupo é composta por violão, banjo, tuba, onça e cheque-cheque.

Conforme comenta Benedito Conceição, as pessoas de Maracanã se emocionam, porque não há muito não se via mais as folias. Benedito Conceição é o puxador da frente, acompanhado por Pedro Manoel “Papo-Fundo” (quem ensinou a folia a Benedito Conceição), Manoel “Caraca”, Marcos Salomão, Profa Cecília, Profa Almerinda, Dona Alice, e outros (aproximadamente 25 pessoas). Apesar de ir a festas de carimbó desde a infância (promovidas pelo “rei do carimbó” de Maracanã, seu Lavico, falecido há muitos anos), principalmente as que ocorriam no barracão iluminado à lamparina, durante o mês de dezembro (festividade de São Benedito), no bairro do Bocal, seu Benedito Conceição foi se envolver com o carimbó somente após ter retomado as folias de São Benedito.

O cortejo de São Benedito (a procissão do mastro) é acompanhado pela música de carimbó, desde o “mato” de onde se retira o tronco (madeiras leves para evitar acidentes, já que a cada ano aumenta-se um metro) que servirá como *mastro*. Ao colocarem a bandeira e enfeitarem com frutas o mastro, e, ao seguirem com o cortejo, a música que se escuta é o carimbó. Depois do cortejo, o conjunto se apresenta na praça, onde fica o *mastro* levantado. A festa dura sete noites (só a festa do padroeiro, São Miguel, dura quinze noites, mas, segundo Benedito Conceição, não há carimbó). Nas festividades já se apresentaram conjuntos de Marapanim e o “Novo Zimba” de Maracanã, sendo que, às vezes, os próprios conjuntos se oferecem para tocar. Conforme frisa Benedito Conceição, São Benedito é o padroeiro do carimbó, “porque ele é negro e o pessoal se identifica”.

Como Benedito Conceição já costumava acompanhar o conjunto de carimbó de Unidos de Maracanã, seu concunhado, o senhor Elias Casseb, responsável pelo referido conjunto, convidou-o, em 2006, para fazer parte do “Unidos de Maracanã”, tocando maraca e curimbó. Atualmente, seu Benedito Conceição está um pouco afastado do conjunto, mas compõe, canta carimbó e tem um grande interesse em montar seu próprio conjunto, que irá se chamar São Benedito, no qual cantará as suas composições.

Atualmente o carimbó é executado além da sede municipal, em diversas localidades do interior. No roteiro traçado pela equipe INRC/carimbó junto com a ajuda de “Preto”, conseguiu-se passar por quase todos os lugarejos onde se ouvia falar de carimbó, seja grupos, pessoas e lugares que ajudam a contar a história de antes e de agora sobre esta manifestação. Neste sentido, partiu-se da cidade de Maracanã em

direção ao último lugar de levantamento e coleta de dados: a ilha de Maiandeuá e a praia de Algodão. Optou-se por fazer o trabalho de forma a vir retornando do último lugar de pesquisa até a sede do município em virtude da longa distância a ser percorrida e a dificuldade de horários quanto a travessias, chuvas, etc.

Na cidade de Maracanã boa parte dos grupos que deixaram as atividades devido a diversos fatores. O Conjunto de Carimbó “Treme Terra 90” fundado no início da década de 1990 pelo Sr Antônio Fernandes Leal, o “Toim” foi um dos principais grupos do município. O nome se deu em alusão ao tamanho de um dos curimbós tocados no conjunto que, segundo Toim, era o maior que ele já havia visto. O nome também era uma referência ao período em que o conjunto foi criado, ou seja, década de noventa. Toim compunha as canções tocadas pelo conjunto e, de acordo com o mesmo, os músicos da região dificilmente conseguiam cantar alguma de suas composições, uma vez que estas seriam “mais cadenciadas” e não repetiam, nas *respostas*, as palavras que eram ditas nas *chamadas*. Conforme sublinhou Toim, seus procedimentos de composição musical são bem particulares e relativamente espontâneos: primeiramente, Toim prepara o verso inicial da canção, para, então, dar sequência aos outros versos da música de maneira improvisada, apenas no *repente*. Suas letras discorrem, principalmente, sobre certas práticas cotidianas ou eventuais relativas ao mar (maré), a fauna e a flora locais, personagens extraordinários (sereias, princesas), as diferentes modalidades de dança do carimbó e os atributos e virtudes dos municípios e vilas da região. O Treme-terra 90 possuía dez componentes, destes, três são filhos de Toim (Edson, Edilson e Leonildo), que tocavam curimbó e ganzá. Outros três músicos já faleceram: Manoel José e Fernando, que tocavam curimbó e Simão, que tocava ganzá. Havia também o Maurício ou o Manoel no banjo (dependendo da disponibilidade dos músicos) e Vicente, clarinetista de Salinas. Faziam cobertura de *aparelhagens de som* e chegaram a se apresentar em Salinas, Seringal, Tatutêua, Penha, São Bento e Santarém Novo. Apresentava-se também em setembro, nas festividades de São Miguel, padroeiro de Maracanã, e nas festividades de São Benedito, em dezembro. O conjunto acabou, aproximadamente, uns nove anos depois de seu surgimento, o que deixou seu Toim bastante entristecido (quando terminou, seu Toim queimou todos os uniformes do conjunto). O término se deu devido às dificuldades de Toim em reunir os músicos componentes, que também tocavam em outros conjuntos. Após o Treme-Terra 90 ter acabado, seu Toim ainda tentou criar outros dois conjuntos, Os “Originais do Zimba” e o “Planetas da Noite”, que também terminaram pelos mesmos motivos que o primeiro.

Os grupos de Carimbó de Maracanã que ainda estão em atividade estão espalhados pelo município, principalmente na região praiana, dentre eles o Conjunto de Carimbó “Nativos do Canal” fundado na praia de Algodoal em 2000. A idéia de criar o conjunto partiu de Francisco dos Santos Dias, o Zezinho, sendo que a escolha do nome se deu pelo fato de que a maioria de seus integrantes mora na Baixada Beira-Mar, às proximidades do canal que separa as praias do Tablado e da Princesa, na vila de Algodoal. Na adolescência, Zezinho chegou a tocar curimbó no conjunto Praiano (de Dona Magá), um dos ícones da história do carimbó tanto na ilha de Maiandeuá quanto em todo o município de Maracanã. Após a morte de Dona Magá, responsável pelo Praiano, o conjunto passou para as mãos de seu sobrinho, terminando alguns anos depois com a morte do padraсто deste último. Ao perceber que não havia mais nenhum conjunto em Maiandeuá, Zezinho comprou um curimbó em Marudá (Marapanim) e resolveu criar o Nativos do Canal. Na época em que criou o conjunto, somente Zezinho tocava curimbó, hoje, seu irmão e seu filho já o acompanham nas apresentações. O Nativos do Canal possui dez músicos componentes (entre idosos e adolescentes), quatro compositores (incluindo as participações do cantor e compositor de carimbó Chico Braga, um dos personagens mais representativos do carimbó na região) e três casais de dançarinos. As mulheres usam saia longa, rodada e os homens roupas estampadas. A orquestra do conjunto inclui curimbós, banjo (Zezinho toca banjo e tambor), maracas e flauta (flautista de Belém).

Ainda em Algodoal, há o Conjunto “Regional” fundado em 2005 por “Zeca Nativo”, atual coordenador do grupo. A primeira denominação do grupo foi “É lenda”, em 2008 conseguiram gravar um CD e um DVD produzidos amadoristicamente com músicas do compositor Chico Braga. Diferentemente do relato feito acima por Eliaci Barbier, nora de Magá, reconhecida por suas festas à São Benedito na ilha, o discurso de Zeca é positivo em relação à intensificação do turismo em Algodoal, o qual aumentou consideravelmente na década de 1990 e fez inclusive uma melhoria em sua qualidade de vida, pois ele se tornou proprietário de uma pousada. Também cita outros benefícios como a instalação da luz elétrica na ilha uma consequência do turismo dentre outros benefícios que servem inclusive para a divulgação do carimbó: “antes nem se recebia cachê!”.

O carimbó em Maracanã é territorialmente demarcado pela influencia ou não de fatores externos ao município. Em geral se percebe que nas áreas mais próximas ao litoral, sobretudo as praias e ilhas onde o turismo é mais incidente, a prática do carimbó

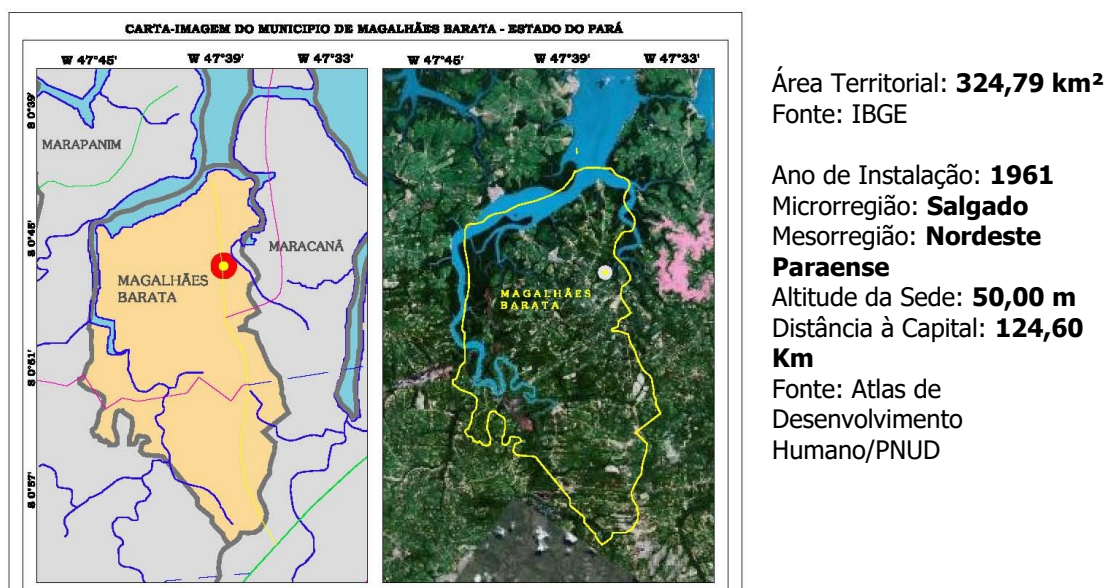
não obedece aos calendários da colheita e das celebrações a santos católicos, as apresentações estão mais presentes nos meses de férias escolares (janeiro e julho) e feriados, onde se é possível tocar em troca de cachê. Neste sentido, percebe-se claramente uma mudança ou transformação do ambiente festivo do que antes se entendia por manifestação popular relacionada ao cotidiano do trabalho e do lazer para uma conotação mais vinculada a eventos pré-programados por donos de bares, restaurantes e hotéis. Mesmo com o discurso de “defesa” de uma autenticidade ou que se considere importante a formação de novos grupos para que o carimbó “não morra”, o que se observa são transmutações que vão desde a ingenuidade de um idealismo romântico pregado através da “preservação” até a não percepção de uma exploração consumista imposta aos costumes e tradições locais. Note-se que, a expansão de um tipo de turismo predador e poluidor como o que vem acontecendo na ilha de Maiandeuá, começa a estender-se também por áreas até então pouco exploradas como Camboinha e Fortalezinha.

Por outro lado, nas áreas mais afastadas do litoral, também conhecida por zona rural ou em parcelas ainda menos exploradas das ilhas, há grupos de carimbó que possuem uma dinâmica de atividades relacionadas aos festejos destas localidades. No entanto, suas atividades, ao tempo em que ainda atendem ao calendário principalmente das festas de santo local, também possuem uma dinâmica de apresentações relacionadas à eventos, porém de pequeno porte como apresentações em aniversários, em casas de pessoas que querem festejar algum evento com um grupo de carimbó, em festivais promovidos por prefeituras vizinhas ou às proximidades do município, enfim apresentações cuja importância está relacionada a fatores ou a interesses outros que não apenas o de celebrar uma data tradicional da comunidade à qual pertencem.

Como exemplo, tomamos o relato do Sr Pedro de Assis ou Mestre Pedro a respeito do “carimbó devoto”. Lembra que na localidade de São Roberto eram nove dias de festa, depois da ladainha, se dançava o “Perú”, o lundu, o retumbão e o “Iá”, quando se fazia uma roda grande com os dançarinos de “costa a costa”. O carimbó era tocado com lata de milho e o cacete, “pau no espinhaço do curimbó”, acompanhado de licor de genipapo com canela e cravinho, no tempo em que grupo de carimbó não tinha nome. O ciclo natalino do carimbó abria dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, seguido pelo dia 20 dedicado a São Tomé, dia 24, com o Menino Deus, culminando com a homenagem a São Benedito, dia 28 de dezembro.

2.4 – Viagem IV – Magalhães Barata

O município de Magalhães Barata possui uma população de 7.693 habitantes de acordo com o senso demográfico do IBGE do ano de 2000. Sua área territorial é de 324,79 km², representando 0,03% do Estado do Pará. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,67 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano PNUD/2000. Seus limites territoriais estão demarcados do Norte com os municípios de Marapanim e Maracanã, a Leste com o município de Maracanã, ao Sul com os municípios de Maracanã e Marapanim e a Oeste com o município de Marapanim. O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e Microrregião do Salgado e está distante da capital a aproximadamente 124,60 km. A sede municipal está situada às margens da PA-395.



As origens históricas de Magalhães Barata, originalmente denominada Cuiarana, encontram-se atreladas às de Marapanim.

Cuiarana foi distrito de Marapanim, desde 1907 juntamente com Cafezal, que também foi povoação deste distrito. Em 1961, Cuiarana foi elevada a categoria de município, que passou a chamar-se Magalhães Barata, ficando constituído por terras de Marapanim, desmembrando as jurisdições de Cuiarana, cafezal e parte de Marudá. Atualmente, o município está integrado pelos distritos de Magalhães Barata (sede) e Cafezal.

A base econômica do município é caracterizada pela pequena produção agrícola familiar, tendo como principal produto a mandioca para a produção e comercialização da farinha. A pesca artesanal é outra importante fonte de alimentação e renda para os habitantes deste município. Os setores de comércio e serviços públicos são as poucas geradoras de emprego formal com carteira assinada.

A infra-estrutura de Magalhães Barata está, como todos os municípios visitados, concentrada na sede municipal. No que se refere ao restante de sua área territorial, ainda há carências principalmente relacionada a saneamento básico, cuidados em relação ao meio ambiente e com a conservação ou manutenção de suas estradas de acessos às localidades como vilas e lugarejos. Segundo dados do IBGE de 2000, o município não possui rede geral de esgoto, o abastecimento de água atingia 61,28% dos domicílios e a coleta de lixo era inexistente sendo o mesmo queimado em quase 70% dos domicílios.

A cidade de Magalhães Barata possui uma paisagem bucólica. Na parte mais antiga, próxima ao igarapé Castelo, ainda se encontram casarões antigos em bom estado, outros em ruínas.



Parte antiga da cidade de Magalhães Barata. Ao fundo a Igreja Matriz de N. Sra. de Nazaré.

Foto 18: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009)

O distrito de Cafezal é um dos mais procurados por turistas. Está situado às margens do rio Marapanim.
Foto 19: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009)



Dentre as principais atividades relacionadas às manifestações populares de Magalhães Barata destacam-se as festividades religiosas como a de São Sebastião em Cafezal, de Nossa Senhora de Nazaré na localidade de Nazaré do Fugido e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré na sede municipal. Os grupos de pássaros, quadrilhas juninas, folias e de carimbó estão presentes principalmente no interior do município. O artesanato local é insipiente e, em geral, atende as necessidades imediatas do cotidiano do trabalho relacionado à pesca e a agricultura onde são produzidos entralhos de pesca (redes, tarrafas, paneiros, etc) além de alguidares e matapis.

A presença do carimbó está no município concentra-se principalmente, além da sede, nas localidades de Cafezal, Fazendinha, Arraial e Nazaré do Fugido, sendo que, nesta última localidade, a maioria dos grupos desapareceram.

O Campo

Foram identificados os grupos “Mussé” (sede), “Os Paraenses” (Fortalezinha), “Lírio do Mar” (Prainha), “Alegria do Cafezal”, “Raízes do Cafezal”, “Alegria Mirim”, e “Sorriso dos Idosos” todos na localidade de Cafezal. Os Grupos “Rouxinou” e “Frutos da Terra”, ambos na localidade de Arraial.

Na sede do município, o conjunto “Mussé” foi criado a partir de um projeto escolar, durante a feira de Arte e Cultura da escola Prof. Manoel Joaquim Monteiro. Na ocasião, uma das professoras da referida escola, Dona Lina, pediu aos estudantes, José Ramiro Costa e Fabrício Ferreira, que apresentassem algo relacionado à cultura de Magalhães Barata. Sendo assim, os estudantes optaram então pelo carimbó, pois além de representar a cultura do município, poderia também animar os participantes do evento. A escolha do nome do conjunto (que foi idéia de professora Lina, grande incentivadora) refere-se à história que se conta sobre a presença de franceses que teriam aparecido no município de Magalhães Barata, atrás de negros escravos que teriam fugido de Marapanim para lá durante a cabanagem. Na época, comia-se bastante xibé, uma mistura de água com farinha de mandioca. No entanto, os franceses não conseguiam pronunciar a palavra Xibé, sendo que, o nome “Mussé” é uma referência à história do município.

Desde pequeno, José Ramiro, o Zeca, já gostava das festas de carimbó que ocorriam, principalmente, durante o mês de dezembro, nas festividades de São Benedito. Como na sede do município não havia nenhum conjunto em atividade, Zeca

resolveu criar o “Mussé”. O conjunto surgiu para ser apresentado somente durante a feira de Arte e Cultura, mas como muitos gostaram, os componentes experimentaram então se apresentar em um bar. Nesta apresentação, tanto o proprietário quanto os clientes teriam gostado muito, sendo que foi a partir de então que o conjunto passou a se apresentar em aniversários e festividades paroquiais de Magalhães Barata. Depois da conclusão do ano letivo, alguns dos componentes desistiram do conjunto. Recentemente, Zeca confeccionou um banjo para tocar no “Mussé” (que ainda não possui banjista), de maneira autodidata, apenas observando os instrumentos já confeccionados; atualmente tem assistido aulas de cavaquinho e banjo com João, do conjunto Rouxinol. O “Mussé” foi criado em 2007 e inclui dois carimbós, maracas, milheiros e sax. Pedrinho e Davi tocam milheiro, Euder e Moisés são os tamboristas, o Edu o maraqueiro e Zeca o cantor. O único que já tocava carimbó era o saxofonista, o Fabrício Ferreira. Tocam músicas de outros conjuntos, como o Os Paraenses, o Rouxinol, o Raízes de Cafezal, e outros conjuntos de Marapanim, mas já começam a compor algumas canções. O conjunto se apresenta de vez em quando no bar Matapi e já se apresentou no círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Magalhães Barata, no mês novembro.

Na localidade de Nazaré do Fugido, no município de Maracanã, as festas de carimbó aconteciam no barracão da vila, nos sábados de dezembro, durante as festividades de São Benedito; e seguindo até o dia de Reis, em 06 de dezembro. Apesar da festa de carimbó ocorrer, principalmente, neste referido período, também havia outras festas e eventos onde o carimbó estava presente. No barracão, feito de palha ocorria também as demais festividades de Nazaré do Fugido. Segundo Edmilson Pinheiro da Silva, compositor, tocador e cantador de carimbó desta localidade, o nome da vila e do rio que lhe nomeia decorre de alguns eventos históricos: no período da cabanagem, vários negros escravos haviam fugido para o rio que passa por Nazaré do Fugido, formando a povoação que deu origem à vila; o rio passou a se chamar Rio Fugido. Ainda de acordo com Edmilson da Silva, havia um conjunto de carimbó bastante antigo em Nazaré do Fugido (teria surgido por volta de 1940), denominado “Brasa-Viva”; que se apresentava durante o ano todo na vila e em outras localidades e municípios próximos, como Maracanã, Marudazinho, Juçateua, Vila Silva, Porto Alegre, Matapiquara, Magalhães Barata (sede) e Prainha. Edmilson da Silva chegou a participar dos últimos anos do conjunto (em meados de 1975) que terminou devido à morte dos mais “antigos”, Raimundo Taliquá (tio “Filaco”), Manoel Ferreira (tio Lima) e Moraes (responsável pelo conjunto). Apesar da

morte dos antigos representantes do carimbó de Nazaré do Fugido, Edmilson da Silva de vez em quando ainda toca o curimbó, canta e compõe, sendo que pretende ainda criar um conjunto na vila, que se chamará, segundo ele, “Barra Pesada”. Neste conjunto, irão tocar (além de Edmilson da Silva) Manoel de Marapanim, Ilário (o principal responsável pela futura criação do conjunto “Barra Pesada”), Ribeiro (banjista), Fernando (pandeiro), Fabrício (sax) e João. Embora haja uma espécie de “entressafra” de conjuntos de carimbó em Nazaré do Fugido, acontecem na vila muitas festividades, como as festas de São Benedito e Dia de Reis e as Quadras Juninas.

Na localidade de Cafezal, o conjunto “Alegria de Cafezal” foi fundado em 1987 por mestre Durval, o que mais tarde geraria mais dois grupos, um liderado pelo banjista e cantor Claudio Albuquerque, seu filho, que mora em Belém, o conjunto “Raízes de Cafezal”, e, o outro composto pelos seus netos e outras crianças da comunidade, o “Alegria Mirim”. Sendo este último ensaiado por Zeca, cantador e percussionista de curimbó. O “Alegria de Cafezal” é composto por: Gaití, cantor e banjista que já tocou no “Sancari” (conjunto de Belém); Zeca no cacete; Manolo no milheiro; Pedro e Bené nos curimbós e “Caraxué” de Marapanim na flauta.

Mestre Durval desde criança tocava curimbó e respondia cantando, seu pai apenas dançava. Os instrumentos da época eram a viola, os dois curimbós, a onça, o pandeiro de cutia, e a lata com milho como ganzá e os cacetinhos. Segundo ele Cafezal foi região de negros, apesar de não terem sido os primeiros habitantes, entre eles, “Santo Preto” era um negro carimbozeiro muito reconhecido, morreu há mais de 60 anos e deixou muitas músicas, entre elas: “A polícia nos prendeu” e “Solteirinha não te casa”. Ele cantava na festa de carimbó e na folia, mas não era da diretoria. Outros que não eram negros, mas que também se destacaram foi: o velho “Vereandú” e o Cristóvão. Mestre Durval conta que naquele tempo se dançava com lenço de chita no pescoço.

Como acontece em muitos municípios ou localidades, a comunidade local atribui a “origem” do carimbó ao seu lugar, com a devida justificativa. Mestre Durval afirma que o carimbó surgiu primeiro em Cafezal e que “o povo de Marapanim, atravessava o rio para dançar o carimbó aqui”, nesse período havia o carimbó de cortejo de rua, até meados da década de 60.

No dia 31 de janeiro fazem a dança da “Farinhada”, que é a representação do carimbó da roça, na qual se dança com feixe de maniva na cabeça, enxada, terçado, rodo, tipiti, com roupa velha, fazendo a encenação do trabalho no forno.

A festividade de São Benedito acontece entre 23 e 26 de dezembro, são oito dias de carimbó no barracão, cada dia organizado por uma categoria, por exemplo, os trabalhadores, aposentados, idosos, etc.



Mestre Durval, um dos precursores do carimbó em Magalhães Barata e responsável por influenciar a formação de novos grupos de carimbó, principalmente em Cafezal local onde fundou o Conjunto “Alegria de Cafezal”.

Foto 20: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009)



A Vila de Cafezal, em Magalhães Barata, certamente, é uma das referências do carimbó em toda região. Dentre as associações que participam significativamente para que tal referência se constitua, encontra-se o Grupo da Terceira Idade da Vila de Cafezal, coordenado por Raimunda Lalila Pereira Braga, Telma Ribeiro Braga, Zila Conceição de Lima Monteiro e Oneide. O grupo é um dos grandes incentivadores do carimbó nesta respectiva vila, intimamente envolvida com o carimbó. Segundo Lalila Braga, o carimbó, como manifestação cultural, teve seu início na vila próxima de Carauarí, sendo que foi o cantador Raimundo Verecundo quem o levou para Cafezal (neste período, década de 1950/60, Cafezal pertencia à Marapanim).

Quando chegava em dezembro, fazia-se um arraial em frente à sede (barracão) de São Benedito, com várias barraquinhas. Durante a noite, as *porongas* (tochas feitas com bambus), que circundavam o barracão iluminavam o local da festa. No dia 24 de dezembro ocorria a *levantação* do *mastro* (coberto de frutas) pra São Benedito e festejava-se somente ao som do carimbó de Carauarí. O *juiz da bandeira* e a *juíza do mastro* ficavam responsáveis de promoverem as noites de carimbó. Pela parte da manhã, os

cantadores e tocadores de Caruarú (Cazuza, Benedito Sapo-Preto, Ildo Paixão), encabeçados por Raimundo Verecundo já chegavam cantando e tocando em Cafezal. Eram dois conjuntos na época, sem denominações e que se apresentavam somente no “pau e corda”. Os componentes do conjunto tomavam café na casa do organizador da festa, tocavam até o meio dia, almoçavam e iam embora. À tarde, a festa acontecia em torno do *mastro*, com a participação, também, dos *palhaços*, devidamente fantasiados.

O conjunto apresentava-se até a meia noite. De meia noite em diante, o outro conjunto assumia o carimbó, tocando e cantando até amanhecer. Na época, toda a população participava. De acordo com Lalila Braga, a tradição da festividade de São Benedito ainda continua, mas não é mais como era no período de Raimundo Verecundo, uma vez que todos os “antigos” já morreram. No que tange ao Grupo da Terceira Idade, o mesmo possui um número variado de participantes, entre 30 a 50 componentes e promovem eventos festivos durante todo o ano. Após terem participado da criação do conjunto de carimbó “Alegria-Mirim”, a partir das atividades que desenvolvem com crianças da terceira e quarta série da Escola Municipal Orfina Alves Monteiro, as coordenadoras do Grupo da Terceira Idade decidiram fundar, em 2006, um conjunto formado pelos mais idosos. Criaram então o conjunto de carimbó “Sorriso dos Idosos”, do qual fazem parte Durval Monteiro, José Braga, Raimundo Castro, Telma Ribeiro, Joana Costa Pinto, Lucidalva, Raimundo Braga e Daniel Braga. Os instrumentos do conjunto foram adquiridos através de recursos arrecadados por meio de bingos realizados pelo Grupo da Terceira Idade e constituem: dois tambores, quatro cheques, banjo, pandeiro e clarinete.

Além das festividades de São Benedito, em Cafezal há também os arraiais juninos, com as quadrilhas, as festividades de São Sebastião (padroeiro), em julho, quando ocorrem ladainhas, bingos e leilões. O Grupo da Terceira Idade, seja por meio de seu conjunto de carimbó, seja através do grupo de dança, participa de praticamente todos os eventos festivos tradicionais de Cafezal, como as quadrilhas juninas, o aniversário da vila, na “Noitada dos Aposentados”, que acontece nas festividades de São Benedito e São Sebastião, o Carimbó na Roça (quando levam terçados, máquinas de plantar arroz, enxadas, e fazem a coreografia simulando a lavoura da mandioca), na festa da Sociedade Beneficente Comunitária Cristã, que existe desde 1972, Festival do Coco, assim como promovem bingos, passeios (com recursos próprios), cordões (“Os Propagandistas”, “Floresta Amazônica”, “Boi”, “Borboleta”), dança do coco além de atividades culturais na escola municipal.

Em praticamente todos os conjuntos de carimbó de Magalhães Barata existem compositores que normalmente também são os cantores dos mesmos. Produzem um vasto repertório com músicas que normalmente estão associadas ao cotidiano do trabalho, seja na lavoura ou na pesca. No entanto, existem aqueles que se aperfeiçoam com letras que fogem da regra geral das pequenas estrofes seguidas de refrão repetidas ao longo de toda a música. O compositor do grupo “Os Paraenses” de Fortalezinha Paulo da Silva Penha ou “Paulinho da Viola” ao falar da particularidade de seu carimbó, nas quais cada letra tem uma melodia ao contrário da técnica da maneira de muitos mestres, a qual sobre uma mesma melodia se cria várias letras diferentes.

Assim como o Sr Paulo Penha, há ainda antigos músicos de sopro advindos das extintas bandas de jazz (nome dado às bandas de baile dos anos 50 e 60) que informam sobre a forma de como se aprendia a tocar carimbó, já que não havia nenhum curso de aprimoramento para músicos de sopro para este segmento musical.

Geraldo Alves Aprendeu a tocar flauta e violão aos 16 anos de idade com seu irmão mais velho. Participou do conjunto de jazz “Mangue Branco”, onde tocava gêneros como valsa, samba, tango, marcha, bolero e mazurka. Se tornou compositor e arte-são de banjo, bandolim, cavaquinho e violão. Em Belém estudou clarinete com o mestre de banda Temístocles, o Sêneca, e mestre Fortunato Pinheiro e na década de 60 tocou ao lado de seu irmão, mestre Nilson Alves, no grupo “Lírio do Mar” da Prainha. Mestre Nilson, está doente, e é lembrado pelos outros mestres por suas muitas composições, morou em Belém por 16 anos e nesse período compôs toadas de boi, e, lembra que o carimbó em Magalhães Barata era mais tocado no carnaval que em dezembro.



Mestre Geraldo Alves mostrando os detalhes de um banjo confeccionado pelo mesmo. Além de tocadador, também é compositor de carimbó e de toadas de boi-bumbá.

Foto 21: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009).

Detalhe de um dos instrumentos produzidos por mestre Geraldo Alves: um cavaquinho artesanal com um som peculiar e diferente dos demais instrumentos de corda similares.



Mestre Geraldo na juventude fazia parte um grupo de seresta no qual tocava modinha em noite de luar. Sempre gostou muito de ler, como era costume de seu pai e nas estantes de sua casa, feita por ele, como vários dos outros móveis, guarda coleções de livros antigas. Também confecciona relicários e baús de diversos tamanhos, e há muitos anos se dedica ao evangelismo. Ele lembra a época do “entrudo”, e nos conta que no dia 26 de dezembro os brancos davam liberdade para os negros dançarem o carimbó com aguardente, e ilustra muito do que sabe através da letra de suas músicas:

Ao falar sobre a história do carimbó, o seu discurso é de indignação contra a escravidão no Brasil, usando de muitos dados históricos e nesse entremeio afirmou que o carimbó veio da Bahia por conta da suposta migração de escravos do Nordeste brasileiro.

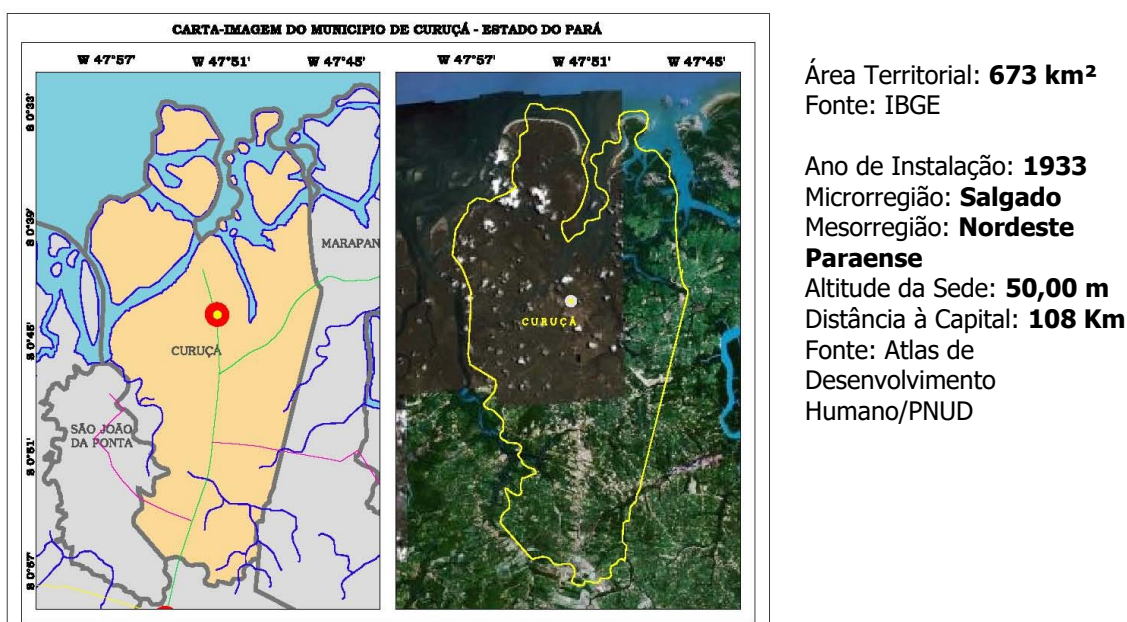
“no passado era preto que dançava o carimbó/ Hoje é
branco é preto é neto e avó... [...] o Pará é terra boa...
quem descobre é o roceiro, vamos todos trabalhar [...] A
princesa Izabel libertou uma raça, perdeu o trono, pois é
o mesmo que cortar os braços dos brancos [...] Os tra-
balhadores eram pretos, os negros moravam em terrenos
baldios... Que vergonha!

O carimbó no município de Magalhães Barata está em plena atividade, suas principais representatividades estão localizadas no interior deste município, notadamente nas localidades de Arraial (através dos conjuntos “Frutos da Terra – Nova Revelação” e “Rouxinou”), em Cafezal (conjuntos os “Alegria de Cafezal”, “Raízes de Cafezal” e “Alegria Mirim”) e Fortalezinha (conjunto “Os Paraenses”). Tais conjuntos representam o que se convencionou chamar do autêntico carimbó de “pau e corda” com os instrumentos característicos feitos pelos próprios integrantes dos grupos. No entanto, assim como a grande maioria dos grupos de carimbó da região do Salgado, o músico de sopro tem que ser importado de outros municípios.

O carimbó hoje é tocado nos muitos festivais que acontecem na cidade: como o “Festival da Ostra e dos Mariscos”, e na festa de Santa Maria, que acontece com procissão e mastro, iniciada no dia 5 de outubro, com oitos dias de duração. O barracão onde se toca e dança o carimbó fica na sede do clube das mães, hoje de alvenaria. São Benedito é comemorado na véspera do natal, mas antigamente era celebrado com três dias de carimbó. O conjunto de carimbó “Os Paraenses” tocam também na véspera do dia das mães, do dia dos pais e na véspera do dia de Reis.

2.5 – Viagem V – Curuçá

O município de Curuçá possui uma população de 33.768 habitantes de acordo com a estimativa do IBGE para o ano de 2007. Sua área territorial é de 673 km². Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,71 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano PNUD/2000. Seus limites territoriais estão demarcados do Norte com o Oceano Atlântico, a Leste com o município de Marapanim, ao Sul com o município de Terra Alta e a Oeste com os municípios de São Caetano de Odivelas e São João da Ponta. O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e Microrregião do Salgado e está distante da capital a aproximadamente 108 km. A sede municipal está situada às margens da PA-136.



A infra-estrutura do município carece de maiores investimentos, os dados do último censo informam a não existência de esgotamento sanitário, o abastecimento de

água atendia em 2000 apenas 58,28% dos domicílios e o destino do lixo é dado da seguinte maneira: 17,37% coletado pelo serviço público; 53,55% queimado a céu aberto; 7,15% enterrado e 13,86% jogado em terreno baldio ou nos canais hídricos como os rios e igarapés. A iluminação elétrica atende 86,64% dos domicílios.

A economia do município de Curuçá está baseada principalmente no setor primário. Neste sentido, da população economicamente ativa (7.356 em 2000 dos até então 19.492 habitantes), 47,62% estavam ocupadas na agricultura, pecuária, silvicultura e pesca. O restante ocupava-se no comércio varejista e na administração pública (7,61%). Na agricultura o destaque fica por conta da produção de farinha de mandioca, seguido do milho, melancia, feijão e arroz em casca. Os estabelecimentos por setor econômico estavam divididos em 2001 da seguinte maneira: setor primário, 22; indústria, 21; comércio atacadista, 5; comércio varejista, 142; e serviços 14.

No setor educacional o município contava em 2006 com 129 estabelecimentos de ensino divididos da seguinte forma: educação infantil, 55 sendo todos municipais; ensino fundamental, 72 sendo 65 municipais e 7 estaduais; e ensino médio, 2 todas estaduais. A taxa de analfabetismo de pessoas cima de 15 anos era de 12,19% tendo diminuído em relação a 1991 que era de 20,78%.

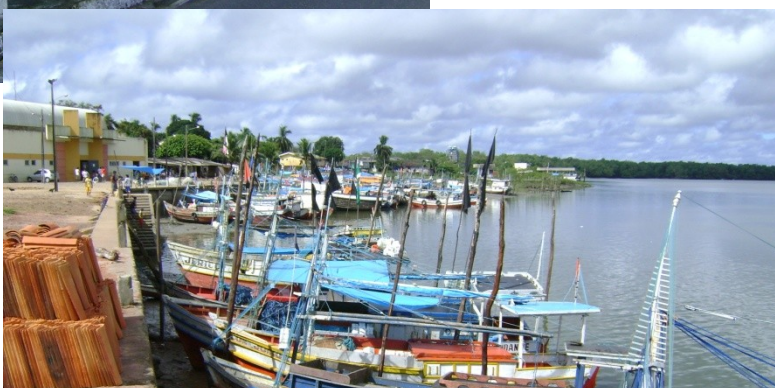
Como patrimônio natural, destacam-se belas praias, entre elas, a de Marieta, Romana e do Sino; os furos Muriá ou Maripanema Grande; as ilhas Ipomonga e Mutuca; assim como os recantos Arapironga de Dentro, Bosque da Igualdade e Bosque Centenário.



Algumas edificações históricas como os casarios do início do século XX no município de Curuçá são verdadeiros marcos edificados da história de ocupação da região. Foto 23: Equipe INRC/Carimbó (abr, 2009)

Alguns municípios possuem importantes portos de escoamento de pescado tanto para o Estado quanto para outras localidades do país como o de Abade no município de Curuçá.

Foto 24: Equipe INRC/Carimbó.



A riqueza cultural do município de Curuçá está impressa tanto nos aspectos materiais de suas construções históricas como imateriais devido a vigência das manifestações tradicionais de sua população ainda presente em praticamente todas as localidades do município.

No calendário de manifestações religiosas do município, destacam-se três atividades. Em junho, no dia 29, acontece a festa em homenagem a São Pedro. Em setembro, no segundo domingo, é a vez da festa de Nossa Senhora do Rosário, que começa com a realização da transladação da imagem da santa da igreja Matriz para a capela de Nossa Senhora do Rosário, com percurso de cerca de três quilômetros feito em, pelo menos duas horas, contando com paradas para as homenagens à santa. Em dezembro, no terceiro domingo, ocorre a festa em louvor a São Benedito. É comum a todas essas ocasiões festivas do Município, a realização de procissões, ladainhas, arraial, leilões, derrubada de mastros e festas dançantes.

Na última semana do mês de junho é realizado um festival onde são apresentados os grupos de folias, quadrilhas juninas, lundu, boi-bumbás, cordões de pássaros e grupos de carimbó.

O artesanato local é marcado por uma produção de peças com caráter utilitário, como pequenas embarcações e apetrechos de pesca (espinhéis, tarrafas e currais).

O Campo

A viagem ao município de Curuçá contou com a participação de todos os membros da equipe, durou 4 dias (23 e 26 de abril de 2009) e se estendeu além da sede municipal para as vilas e agrovilas onde havia a referência da existência de grupos de carimbó em atividade e/ou que faziam parte da memória coletiva dos seus habitantes, além de mestres e artesões que detinham algum conhecimento sobre o bem cultural, obtendo-se um total de 37 entrevistas e a identificação de 46 bens culturais. O trajeto Belém – Curuçá foi percorrido pela BR-316 e PA-136, perfazendo um total de 108 Km realizado em 2h e 30min, em veículo alugado.

A trajetória percorrida pela equipe dentro do município foi construída a partir dos dados levantados em campo. Dessa forma, foram visitados além dos bairros da zona urbana do município, as localidades do seu entorno.

A chegada da equipe à sede municipal de Curuçá foi recepcionada pelo Secretário e membros da Secretaria de Cultura daquele município onde após uma rápida exposição do trabalho nos foi repassado um roteiro elaborado pelos mesmos com a identificação e localização dos grupos e demais bens envolvidos no carimbó na área territorial do município. Além disso, foi destacado um colaborador para nos auxiliar em no trabalho de campo, Mário Orlando Ferreira de Paiva, o Mário “Pusca” também reconhecido músico e compositor local.

Devido a grande quantidade de bens a serem registrados, a equipe foi dividida ficando dois pesquisadores na cidade e o terceiro seguiu acompanhado por “Pusca” de carro até as localidades próximas à sede. Assim, foram visitadas as localidades de Abade, Araquaim, Lauro Sodré, Pedras Grandes, Simoa, São João de Ramos, Murajá, Marauá e São Pedro.

A equipe procurou de todas as formas identificar o máximo possível de grupos e bens do entorno do carimbó, e isto foi feito na medida em que havia a possibilidade de se chegar via terrestre. Alguns dos lugarejos mais afastados localizados em ilhas não foram visitados devido a impossibilidade de locação de embarcação.

De acordo com Flávio de Campos, o “Bailar”, morador e “incentivador cultural” do município de Curuçá, as festas de carimbó, naquele município, nas décadas de cinquenta e sessenta, ocorriam principalmente durante o mês de dezembro, seguindo até o Dia de Reis, em seis de janeiro. “Bailar” costumava dançar nos *barracões*, com as “antigas” dançarinas de Curuçá, sendo que eram vários os *barracões*, nos quais os conjuntos se apresentavam, recorrentemente, tal como os *barracões* de Barreirinha, de São Pedro, do Barirí, da Matinha, da Baixada dos Mangais, de Murajá, encabeçados por

dona “Gigi” (tia “Guem”), dona Maria “Pretinha” e dona Mercedes (tia “Gê”) e o barracão de “Nego Uróia”. Atualmente, todos esses *barracões* já não existem mais, embora “Bailar” afirme que tem havido uma retomada do interesse pelo carimbó por parte dos mais jovens. Os conjuntos que se apresentavam eram: “Bico de Arara”, “Os Samaritanos do Bosque”, “Conjunto do Ratinho”, “Conjunto do Coronel”, “Conjunto do Chico Feiticeiro e Corujinha”. Naquele período, os conjuntos de carimbó mais notórios eram o “Carimbó do Coronel”, de Domingos Ferreira (“Coronel”), na vila de Murajá, e o “Bico de Arara”, de Zeferino Braga Leal, o “Nego Uróia”, falecido ainda na década de oitenta e conhecido em Curuçá como o maior representante do carimbó naquele município. Ainda segundo “Bailar”, o carimbó de Curuçá tornou-se bastante notório a partir de 1979, quando Domingos Ferreira e “Nego Uróia” foram convidados para se apresentarem com seus conjuntos no ginásio Serra Freire, em Belém. Após terem se apresentado, Raimundo Ferreira teria se mudado para Murajá e “Nego Uróia” foi morar em Belém, tornando-se conhecido entre os entusiastas do carimbó. “Comenta-se”, inclusive, que outros artistas interessados em *conhecer* o carimbó teriam “se aproveitado” em registrar as canções de “Nego Uróia”, modificando a autoria. Com o sucesso do carimbó de Curuçá, surgiram vários outros conjuntos, como o “Pinga Fogo”, “Samaritanos do Bosque”, o “Alegria do Pará” e o “Conjunto do Ganha-Bóia”. Muitos cantadores e tocadores já morreram e alguns conjuntos foram acabando. Atualmente, há outros conjuntos em Curuçá, como o “Brasileirinhos”, o “Explode Coração” e o “Raio de Sol”, dentre os mais atuantes da sede municipal.

Segundo o memorialista Paulo de Tarso Monteiro da Cunha, que escreveu o livro “Curuçá no Passado Curuçá no Presente” (2007) sobre a história do município, afirmou (em entrevista cedida à equipe do INRC/Carimbó) que o carimbó foi iniciado em Curuçá pelo grupo de José Pedro Leal, pai do “Nego Uróia” (Zeferino Braga Leal) no Bairro-Alto, que foi uma área de ocupação de população negra, anteriormente chamado de Maranhão. Outras áreas de ocupação dessas populações foram as localidades de Murajá, Umarizal e Algodoal na “Ilha de Fora”. Os integrantes do grupo (que não tinha nome) eram: José Leal e Luiz “Pam-pam” nos curimbós; Corinto Barata na cuíca grave (“onça”); Gonçalo Lima no pandeiro; “Nego Uróia” no reque-reque de bambu; Raimundo Leal, o “Ratinho” (irmão de “Nego Uróia”) na viola; e “Claro” na “cantoria” (cujas composições eram criadas de improviso como “repente”). O pesquisador afirma que o carimbó era uma manifestação cultural dos negros: “carimbó era festa deles, brancos só iam assistir... branco não se metia, era só preto... os brancos

não queriam se misturar... tinham vergonha de estar entre os negros... por volta de 1935 é que começou se misturar preto com branco.” Em 1935, o prefeito Cândido Monteiro da Cunha mandou construir um barracão coberto de palha no “bosque do centenário” a fim de promover, na véspera do natal, uma disputa de cantoria entre o grupo de carimbó do “Coroné” (de Santa Luzia do Engenho) e o conjunto “Bico de Arara” do “Uróia” (do Bairro-Alto). Os tocadores reuniam-se para os “desafios” entre os grupos, no qual os cantores “enversavam” um contra o outro, em cantorias de improviso.



Paulo de Tarso Monteiro da Cunha e sua esposa Benedita da Conceição Cunha.

Foto 25: Equipe INRC/Carimbó (mar, 2009)

No Bairro-Alto, um senhor chamado Ulisses era o responsável pela festa de carimbó que acontecia anualmente, entre os dias 24 e 25 de dezembro, na passagem do dia 31 de dezembro para o dia 01 de janeiro e entre os dias 05 e 04 de janeiro por ocasião da festividade dos “santos reis”. Os grupos tocavam nas festividades do ciclo junino apenas quando eram convidados. Eram construídas quadras para a festa do carimbó, e havia um posicionamento dentro do espaço para dançar o carimbó: primeiro as damas entravam e sentavam nas cadeiras, seguidas pelos homens que as convidavam para dançar de um modo sutil, havia um jogo de olhares em vez de um convite verbal. Os dançarinos escolhiam as melhores roupas para ir à festa, as mulheres usavam saia de serpentina “volta-ao-mundo” (com folhos por baixo, semelhante à tarrafa) para nos passos de dança cobrir o cavalheiro. Entre as principais coreografias, estava a “dança do peru” realizada em roda e com o uso de lenço, como objeto cênico. Em algumas danças, o dançarino se apresentava com gestos de “mestre-sala”. Chocolate líquido e mingau eram servidos em abundância.

Tarso Cunha declara que a festa do carimbó era conhecida por “zimba”. As cantigas de carimbó eram compostas “de repente... não tinha repertório, eles versavam na hora...

hoje está diferente... o toque não é mais o mesmo, só quem ainda faz esse toque é um grupo de Marapanim e na ilha do Marajó.” Até a década de 40 se fazia o “entrudo”, que também era chamado de “zimba”, como rito de início do carnaval. No sítio do seu “Baiano” a comunidade fazia um “mutirão animado”, no qual Raul tocava clarinete, depois do roçado que era realizado com uma “picada de 50 braços”. O escritor declara que o mutirão e o “entrudo” deixaram de existir por conta da tecnologia dos tratadores, que mudou os modos de plantio. Com o falecimento de José Pedro Leal, “Uróia”, seu filho, assumiu a direção do grupo, do qual se tornou o cantor repentista e o compositor. Em 1942, “Nego Uróia” foi morar em Belém, na rua Curuçá, e ergueu um terreiro de carimbó na frente de sua casa, cujas festas passaram a ser patrocinadas pelo “doutor Alfredo”, um admirador da manifestação. Em 1967, o conjunto “Bico de Arara” tocou pela primeira vez no Clube do Remo, juntamente com um grupo de Candeuá, em Belém. “Nego Uróia” trabalhou como vigia na feira da rua 25 de setembro, em 1972 na capital. Nessa época, ele já havia conhecido o “Pinduca” (cantor de carimbó renomado) que, como alega Tarso Cunha, aprendeu muito do que sabe sobre carimbó com o “Nego Uróia”. Quanto à projeção do carimbó curuçaense, o pesquisador observa ainda que, apesar do município de Marapanim ter sido fundado depois de Curuçá, em relação ao carimbó “eles levaram vantagem por que o poder público ajudou.”

Quanto à celebração de São Benedito, Tarso diz que as festividades eram acompanhadas por bandas de jazz e, épocas mais tarde, por “aparelho” (equipe de som). Não havia carimbó na festividade de São Benedito e o festejo do santo não era uma prática restrita à população negra da localidade. A festa era realizada como pagamento de promessas, e um dos pedidos freqüentes era o de que as fazendas não pegassem fogo (acidente recorrente na época). Conta-se que a imagem do santo foi encontrada por um caçador, para a qual foi construída uma capela, e posteriormente fundada a irmandade de São Benedito organizada por “Badico” e Chico Nunes. Um senhor conhecido como José “Maduro” realizava a festa e a “esmolação”, cuja “missão” (grupo de promesseiros) viajava até Bragança e trazia de lá muitas cabeças de gado, como doação dos devotos. A festa do santo, que acontecia nos dias 25 e 26 de dezembro recebia promesseiros vindos de Bragança e do Marajó.

O município de Curuçá possui uma quantidade significativa de grupos de carimbó existentes na maioria de suas localidades interioranas e também na sede municipal. Atualmente há raros casos de atrelamento de grupos com alguma celebração religiosa (como era comum no passado), as apresentações dos mesmos estão cada vez mais

condicionadas à programação cultural realizada pela prefeitura local como é o caso do Festival do Folclore ou a partir de convites que lhe são feitos por particulares em troca de cachês.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelos grupos para a prática do carimbó, há uma similaridade comum com os demais municípios pesquisados da microrregião do Salgado. Em geral, para se destacar os mais relatados, se referem à falta de compromisso e de apoio por parte do poder público, a ausência de músicos de sopro que queiram participar das apresentações dos grupos e o desinteresse dos mais jovens em dar continuidade à manifestação cultural.

BIBLIOGRAFIA

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Julgados da Terra; Cadeia de apropriação e atores sociais em conflito na ilha de Colares, Pará. Belém: EDUFPA, 2004.

ALMEIDA, Renato. História da Música Brasileira. 2ª ed. correta e aumentada. Rio de Janeiro: S. Briguier & Comp. Editores, 1942.

ANDRADE, Paulo de Tarso. Belém e suas Histórias de Veneza Paraense: a Belle-Epoque. Belém/ Pará: Kanga, 2004.

ASSIS, Rosa. O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir. Belém/ Pará: UFPA, 1992.

AZEVEDO, J. Lúcio. Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização. Belém/ Pa: SECULT, 1999.

BASTOS, Abguar. Terra de Icamia; romance da Amazônia. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

BETTENDORFF, Pe. João Felipe. Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. 2ª edição. Belém-Pará: Secult, 1990.

CANTÃO, Jacob Furtado. A Presença da Clarineta na Dança do Carimbó – Marapanim/PA. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CARDOSO, Benjamin. Salinópolis: a cidade mais querida do Pará. Salinópolis: Edição do autor, 2001.

CASCAES, Mário. O carimbó do mestre Pinduca. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística Música) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

CASCUDO, Luís Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1993.

CASTRO, Edna. (ORG.) Escravos e Senhores de Bragança (Documentos históricos do século XIX, região Bragantina, Pará). Belém: NAEA, 2006.

CEDENPA. Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará. Noções sobre a vida do negro no Pará. Belém: Cedenpa. 1989

CHAGAS JUNIOR, Edgar Monteiro. Produção Simbólica dos Lugares: Folguedos Populares de Boi-bumbá do Marajó - Espaço e Cultura na Região do Arari. 2007. Núcleo de Altos Estudos da Amazônia – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

CONCEIÇÃO, Agripino Almeida da. Marapanim – Reconstituição Histórica, Mística e Chistosa. [S.l.]: [s.n.], 1995.

CORTES, Gustavo. Folclore e Parafolclore: interrelações com a Arte e a Educação. Revista da Comissão Mineira de Folclore, n.21, agosto, 2000.

COSTA, Tony Leão da; Universidade Federal do Pará. Música do Norte: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da MPB no Pará (anos 1960-1970). 2008. 241 f. : Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Especialização em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

CRUZ, Ernesto. História do Pará. Belém: Ed. Universitária UFPA, 1963. 2 v. (Coleção amazônica. Série José Veríssimo)

CUNHA, Paulo de Tarso Monteiro. Curuçá no passado, Curuçá no presente: história do município de Curuçá. Belém, Edição do autor, 2007. 2ª ed.

DANIEL, Pe. João. Tesouro Descoberto no Rio Amazonas. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976.

FERNANDES, Florestan. A função social da guerra na sociedade tupinambá, 1920-1995. Organização Social dos Tupinambás. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, [1948].325 p.

FERREIRA, Felipe. O entrudo popular . In: O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 89. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos encantados: pajelança e natureza na Amazônia, 1870 -1950. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____, Aldrin Moura de. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia,1908-1929. 2001. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FILHO, Claver. Waldemar Henrique – o canto da Amazônia. Rio de Janeiro: Edições FUNARTE, 1978.

FURTADO, Lourdes Gonsalves. Curralistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos Campos de Cachoeira. Belém/ Pa: CEJUP, 1997.

LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943. Tomo IV. p. 294-295

LIMA, Deborah de Magalhães. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001. (Obras reunidas).

LIMA, Andrey Faro de. "É a Festa das Aparelhagens!" - Performances Culturais e Discursos Sociais. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. I. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Inventário cultural e turístico do Salgado*. 2ª edição. Belém: Instituto do desenvolvimento econômico social do Pará, 1987.

MACIEL, Antonio Francisco de A. Carimbó – um canto caboclo. 1983. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 1983.

MAGALHÃES, Luiz Marconi Fontes. *Muro do Círio; Cultura, Religiosidade e Meio Ambiente*. Vigia: LC, 2006.

MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. (Col. Retratos do Brasil; v. 150).

MAUÉS, Raymundo Herald. *A Ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 1990. 271 p.

MENEZES, Bruno de. *Obras Completas de Bruno de Menezes: Folclore*. Vol. 2. Belém: Secretaria Estadual de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993. 3. v. (Lendo o Pará;14)

MIRANDA, Vicente Chermont. *Glossário Paraense: Coleção de Vocábulo Peculiares à Amazônia e Especialmente à Ilha do Marajó*. Belém: Editora da UFPA, 1968.

MONOEL DIAS NUNES. *Fomento e mercantilismo. A companhia do Grão Pará e Maranhão (1755/1778)*. Belém: UFPA, 1970.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Folclore: Danças Dramáticas*. (fac-similado). Manaus: Governo do Amazonas, 2001.

MORAES, Cleodir da Conceição. *O Pará em festa: política e cultura nas comemorações do Sesquicentenário da “Adesão” (1973)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

MOREIRA NETO, Carlos de. *Os principais grupos missionários que atuaram na Amazônia brasileira entre 1607 e 1759*. In *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 63-119, 1992.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *A Questão Étnica: Índios, Brancos, Negros e Caboclos*. In *Estudos e Problemas Amazônicos*. Belém: SEDUC-IDESP, 1989.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O Teatro que o Povo Cria. Cordão de Pássaros, Cordão de Bichos, Pássaros Juninos do Pará - da dramaturgia ao espetáculo*. Belém, Secretaria de Estado da Cultura (Secult), 1997. 404 páginas ilustradas.

OLIVEIRA, Alfredo. Paranatinga. Belém: SECULT, 1984.

_____, Alfredo. Ritmos e Cantares. Belém: SECULT, 2000.

OLIVEIRA, Odaísa. Vocabulário terminológico cultural da Amazônia paraense: com termos culturais das áreas de Abaetetuba, Belém e Santarém. Belém: UFPa, 2001

PALHETA, Aécio. Sal, Salinas, Salinópolis. Belém, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

_____, Aécio. Vigia; Ainda Ontem. [Vigia]: [s.n.], [198-?]

PAPAVERO, Nelson; Dante Martins Teixeira, William Leslie Overal; José Roberto Pujol-Luz. O Novo Éden: A Fauna da Amazônia Brasileira nos Relatos de Viajantes e Cronistas desde a Descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1977). Belém- Pará: MPEG, 2000.

PEREIRA, Nunes. O Sahiré e o Marabaixo. Recife: Massangana, 1989.

PETIT, Pere. Chão de Promessas: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Estado do Pará pós-1964. Belém/ Pará: Paka – Tatu, 2003.

PINHEIRO, Reginaldo. Olhos Amazônicos; Haicais. Belém: Edições do autor (Papachibé), 2001.

PINTO, Maria Dina Nogueira. Mandioca e Farinha: Subsistência e Tradição Cultural. In: Gonçalves, José Reginaldo Santos. Alimentação e Cultura Popular. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002. p.17-26. (Encontros e Estudos; 4) ISBN 857507038-X.

PROST, Gerárd. História do Pará: do período da borracha AOS DIAS ATUAIS. BELÉM/ PARÁ: Governo do Estado do Pará/ SEDUC, 1998. v. 2.

QUARESMA, Helena Doris de Almeida Barbosa. O Desencanto da Princesa – Pescadores Tradicionais e Turismo na Área de Proteção Ambiental de Algodual/Maiandeuá. 2000. Dissertação (Mestrado), Universidade do Federal do Pará, Belém. 2000.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. A Conquista Espiritual da Amazônia. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.

ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. Belém/ Pará: Distribel, 2001.

RODRIGUES, Carmem Isabel. Caboclos na Amazônia: Identidade na Diferença. Mimeo, UFPE/2002.

SALLES, Vicente. A Folga do Negro. In O negro na Formação da Sociedade Paraense. Belém: Paka-Tatu, 2004. p.215

_____, Vicente. A Música e o tempo no Grão-Pará. 1ª Ed. Conselho Estadual de Cultura. Belém/Pará: 1980

_____, Vicente. Música e Músicos no Pará. 2ª edição DO AUTOR, 2002, IL. MÚS. TOT. 431p.

_____, Vicente. O negro no Pará: sob o regime da escravidão. Belém/ Pará: IAP, Programa Raízes, 2005.

_____, Vicente. Ritos populares: pajelança e catimbó (mimeo.), s.d.

_____, Vicente. Sociedades de Euterpe. Brasília: edição do autor, 1985.

_____. Vicente. A Modinha no Grão-Pará: estudos sobre ambientação e (re) criação da Modinha no Grão-Pará. Belém: Secult/IAP/AATP, 2005. (Transcrições musicais por Marena Isdebsky Salles).

_____. Vicente. Música e Músicos do Pará. Belém: Secult/Seduc/Amu-Pa, 2007.

_____. Vicente. Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, Programa Raízes, 2003

SANTOS, Marta Georgia de Souza. Festa na Fronteira: Brasil/Guiana Francesa. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SILVA, Dedival Silva Brandão da. Os Tambores da Esperança; Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

SILVA, Rodrigo. O carimbó do mestre Verequete. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Artística Música) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SOEIRO, Francisco Siqueira. Zimba. Vigia: [s.n.], [197-?]

SOEIRO, José Ildone Favacho. Cem Anos de Educação: A Vigia em seu Barão. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____, José Ildone Favacho. Chão d'Água. Belém: CEJUP, 1979.

SOEIRO, José Ildone Favacho. O berço do carimbó e a lógica. Trabalho inédito.
TINHORÃO, José Ramos. Música popular: um tema em debate. São Paulo: ED. 34, 1997

TINHORÃO. História Social da Música Popular Brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1998.

VARELLA, José. Amazônia Latina e a Terra sem Mal. Belém/ Pará: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

VERGOLINO-HENRY Anaiza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica. Belém: Governo do Estado do Pará. Secretaria de Estado de Cultura. Arquivo Público do Pará, 1990. 280 p. : quadros, mapas.

VIEIRA, Ruth e GONÇALVES, Fátima. Ligo o rádio pra sonhar: a história do rádio no Pará. Belém, Prefeitura Municipal de Belém, 2003.

Publicações seriadas:

AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro de. Tradição e modernidade no carimbó urbano de Belém. In: VIEIRA, Lia Braga (org). Pesquisa em música e suas interfaces. Belém: EDEUPA, 2005. Disponível: <http://www.overmundo.com.br>. Acesso em 12 de abr. 2008

ANDRADE, Cássio de. Sinhô e Lucindo. Do Singular ao Plural. O Liberal, Belém, quinta-feira, 30 out. 1997, Cartaz: p.2.

BLANCO, Sônia Maria Reis. O Carimbó em Algodão e seus Aspectos Sócio-Gráficos. Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. Rio de Janeiro, 2004. Disponível: <[http:// www.hist.puc.cl](http://www.hist.puc.cl). Acesso em 12 de abr. 2008>

BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina – 76. est. Julho 1959. in Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Antropologia nº1-20-1957-1964.

CASTRO, Joaquim Amóras. Carimbó, Zimba, Curimbó: Uma evolução cadenciada/ Mestre Lucindo/ Grupos de Carimbó de Marapanim (PA). Disponível em: <<http://www.bregapop.com>>. Acesso em 14 mar. 2009

CUNHA, Manoel Alexandre Ferreira da. A cultura popular no Pará: da repressão a símbolo de identidade. Anais do II Congresso de Antropólogos Norte/Nordeste. Recife. UFPE/CNPQ. 1991, pp.187-192.

EVELIN, Guilherme. O verdadeiro Cabral. Revista Isto É. 19 de nov.2007. Disponível em: <<http://www.terra.com.br>>

LEITE, Serafim. La Música em Las Escuelas Jesuíticas Del Brasil em el Siglo XVI. Revista Musical de Venezuela. nº 32, ano XIV: 169-181, 19xx.

LEITE, Serafim. O Colégio de Santo Alexandre e a Igreja de São Francisco Xavier de Belém do Grão-Pará: notícia sumário da sua fundação pelos jesuítas e da escola de escultura e pintura que nela funcionava. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 221-240, 1942

LIMA, Déborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural Amazônico. Novos Cadernos do NAEA, Belém: UFPA, v. 2, n.2, Dez. 1999. p. 5-32.

MESTRE Lucindo: O verdadeiro rei do carimbó. Diário do Pará, Belém, 17 jun. 1994. Cad. D.

MOURA, Inácio. Geografia Política do Estado do Pará. In: Quarto centenário do descobrimento: o Pará em 1900. Publicação comemorativa feita pelo governo do Estado. Pará: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

BEZERRA NETO, José Maia. Cabanagem a revolução do Pará. In: FILHO, Armando Alves; JÚNIOR, José Alves; e NETO, José Maia Bezerra. Pontos de história da Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2001. v. 1

CARIMBÓ vira Documentário. O Liberal. Belém: sábado, 5 de agosto de 2006. Magazine p.09

MANZATTI, Marcelo. Santarém-Novo (PA) participa do Revelando os Brasis. Site Overmundo, São Paulo, 10 de jul. 2007. Boletim Família. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>

ARAGÓN, Luís E.; Luc MOUGEOT, J. A. (ORG). Migrações internas na Amazônia: contribuições teóricas e metodológicas. Belém, UFPa, NAEA, CNPq, (cadernos NAEA, 8), 1986.

PARREIRA, Leci Maria Rodrigues. O Carimbó na Visão de Ernst Mahle: Absorção de Melodias e Ritmos Folclóricos em uma Peça de Concerto. Revista Musicahodie. vol4 n.2.UFG. Disponível em: <<http://www.musicahodie.mus.br>>. Acesso em: 26 abr. 2009.

ROCHA, Eduardo. O canto de Lucindo, pedra angular do carimbó, se assenta na força da natureza. O Liberal, Belém, 03 de mar. 2008. Magazine. Disponível em: <<http://www.orm.com.br>> Acesso em 23 de mar. 2009.

SALLES, Vicente; SALLES, Marena Isdebski. Carimbó: Trabalho e lazer do Caboclo. Revista Brasileira de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, p. 257-282, 9 (25), set./dez. 1969.

_____, Vicente. Quatro séculos de música no Pará. Revista Brasileira de Cultura. MEC/ Conselho Federal de Cultura. [S.l.] Ano 1/, nº 2, out. dez., 1962.

SANTOS, Maria Graziela Brígido dos. Folia de Reis. Boletim Informativo. Belém: Comissão Paraense de Folclore, 1998-9. n.7.

TUPINAMBÁ, Pedro. Carimbó. Espaço. Belém, ano 1, n. 02, nov. 1977.

_____, Pedro. "Carimbó". Folha do Norte. Belém, 05 de fevereiro de 1961, ano v. 1. ed. 65abril, 2004. Revista Jangada Brasil. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br> >

VAI ser difícil encontrar, agora, uma outra Tia Pê. O Liberal. Belém: dom., 20 de jun.1976. 2ºCad.p.13.

ANEXOS

ANEXO I – LISTA DE BENS CULTURAIS E CONTATOS

SÃO JOÃO DA PONTA

07	SÃO JOÃO DA PONTA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	FRUTOS DA TERRA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Márcia Pereira de Matos Almeida/ Apolinário de Matos Almeida
2	PINGA-FOGO	Memória	Formas de expressão	SEDE	Francisco Ferreira das Chagas (Pam-Pam)
3	CAPIM-GORDURA	Memória	Formas de expressão	SEDE	Francisco Ferreira das Chagas (Pam-Pam)
4	SOCIEDADE GLORIOSO SÃO BENEDITO	Vigente		SEDE	Francisco Ferreira das Chagas (Pam-Pam)
6	CARIMBÓ DE SÃO FRANCISCO	Vigente	Formas de expressão	Vila São Francisco	Vitor de Nazaré Almeida
7	CARIMBÓ E CORDÕES DE BICHO DE VILA NOVA	Vigente	Formas de expressão	VILA NOVA	Dílson Cedeja dos Santos
8	GRUPO BRASILEIRINHO	Memória	Formas de expressão	VILA NOVA	João Araújo de Campos(banjista)
9	GRUPO REPONTA	Memória	Formas de expressão		Brasilízio
10	GRUPO UNIDOS DO AÇÚ		Formas de expressão	VILA AÇÚ	Pedro Monteiro Bandeira (Pedro Carimbó)
11	BANDA DE JAZZI				Constantino Pinheiro de Lima

TERRA ALTA

08	TERRA ALTA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	QUENTES DE TERRA ALTA	Memória	Formas de expressão	SEDE	Teodomiro da Silva Gonçalves (Adamor)
2	AMIGOS DE TERRA ALTA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Teodomiro da Silva Gonçalves (Adamor)
3	MENINAS DE TERRA ALTA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Elinete Gonçalves
4	BRASA VIVA	Memória	Formas de expressão	SEDE	Raimundo Cordovil Brandão (Rudela)
5	OS FERAS DE TERRA ALTA	Memória	Formas de expressão	Sede	(Ruxinho)
6	SAYONARA	Vigente	Formas de expressão	Vista Alegre	Antônio Alves (Macaco)
7	ARTESÃO DE BANJO	Vigente	Ofícios e Modos de Fazer	Vista Alegre	Humberto Lima da Silva (Martinho)

MARACANÃ

09	MARACANÃ	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	NOVO ZIMBA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Raimundo Simão Nunes Ribeiro
2	CANARINHO E BRINCADEIRAS	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Pedro Monteiro de Assis
3	BANDA ELÁDIO ALMEIDA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Bento Lopes Martins
4	CARIMBÓ E SAMBA	Vigente	Formas de expressão	SEDE	José Francisco da Silva Costa (Cupim)
5	UNIDOS DE MARACANÃ		Formas de expressão	SEDE	João Ferreira Alves (Deco)
6	CARIMBÓ DE MARTINS PINHEIRO	Vigente	Formas de expressão	MARTINS PINHEIRO (antiga vila Chata)	Ana dos Santos/ José dos Santos (Pavio)/ Heitor

					do Santos
7	Maracanãzinho	Vigente	Formas de Expressão	Martins Pinheiro	Djalma Silva
8	GRUPO TIO MILICO/ ESPAÇO CIDADÃO TIO MILICO	Vigente	Formas de expressão	FORTALEZINHA	Manoel de Oliveira Teixeira (Preto)/ Luzia Alves Teixeira
9	GRUPO BANZEIROS	Memória	Formas de expressão	FORTALEZINHA	Manoel de Oliveira Teixeira (Preto)
10	CARIMBÓ DE CAMBOINHA	Memória	Formas de expressão	CAMBOINHA	Domingos Almeida de Lima (Camaleoa)
11	CONJUNTO REGIONAL	Vigente	Formas de expressão	ALGODOAL	José da Costa Teixeira (Zeca Nativo)
12	NATIVOS DO CANAL		Formas de expressão	ALGODOAL	Francisco dos Santos Dias
13	GRUPO CARIMBÓ PRAIANO	Memória	Formas de expressão	ALGODOAL	Eliací Maria Pinto Barbier/ Moacir Menezes Teixeira
14	CARIMBÓ DO COBRA-FUMANDO	Memória	Formas de expressão	PIRIAÇÚ	Oswaldo Antônio Castro (Cobra-fumando)

MAGALHÃES BARATA

10	MAGALHÃES BARATA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	GRUPO OS PARAENSES	Vigente	Formas de expressão	FORTALEZINHA	Bianor Pinheiro Aceiro/ Manoel Pedro de Souza/ Leôncio Costa da Silva/ Almerindo Silvestre da Silva/ Paulo da Silva Penha
2	GRUPO MUSSÉ	Vigente	Formas de expressão	SEDE	José Ramiro Costa Filho
3	LÍRIO DO	Vigente	Formas	PRAINHA	Vitor Alves da

	MAR		de expressão		Silva/ Geraldo da Silva Alves
4	ARTESÃO DE BANJO (e banda de Jazzi “Mangue Branco”)	Vigente	Ofícios e Modos de Fazer	SEDE	Geraldo da Silva Alves
5	ALEGRIA DO CAFEZAL	Vigente	Formas de expressão	CAFEZAL	Durval da Silva Monteiro
6	RAÍZES DO CAFEZAL	Vigente	Formas de expressão	CAFEZAL	
7	ALEGRIA MIRI	Vigente	Formas de expressão	CAFEZAL	Durval da Silva Monteiro
8	SORRISO DOS IDOSOS	Vigente	Formas de expressão	CAFEZAL	Raimunda Lalila Pereira Braga/ Telma Ribeiro Braga
9	Carimbó de NAZARÉ DO FUGIDO	Vigente	Formas de expressão	NAZARÉ DO FUGIDO	Edmilson Pinheiro da Silva (Caçamba)
10	GRUPO ROUXINOL	Vigente	Formas de expressão	ARRAIAL	João Flexa Gonçalves/ Amana-jás da Silva
11	GRUPO FRUTOS DA TERRA - NOVA REVELAÇÃO	Vigente	Formas de expressão	ARRAIAL	Eduardo Lopes Ramos (Moroço-ca)

CURUÇÁ

11	CURUÇÁ	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Bico de Arara (Nego Oróia)	Memória	Formas de expressão	Bairro-Alto	Benedito Monteiro (Treva)/ Manoel Soares dos Santos (Mimico)
2	Conjunto Pinga Fogo	Vigente	Formas de expressão	Bairro-Alto	Manoel Soares dos Santos (Mimico)
3	Carimbó de Curuçá	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha

4	Festival do Folclore	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha
5	Conjunto Centenários do Ritmo (e pajelança)	Memória	Formas de expressão	SEDE	Nelson de Souza Favacho/ Lucila Pinheiro da Silva
6	Grupo de dança Cravo e Canela/ Dança local	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Antônia Lobo Barata (Tia Loba)/ João Vale da Silva (João Gavina)
7	Conjunto Brasileirinho	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Sebastião Rocha Soares (Sabico)
8	Conjunto Explode Coração	Vigente	Formas de expressão	SEDE	José Lúcio de Souza Rodrigues Monteiro/ Mário da Silva Ataíde (banjo)/ Domingos da Silva Ataíde (violinista)
9	Conjunto Encanto Juvenil	Vigente	Formas de expressão	SEDE	
10	Conjunto Curiós Mirim	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Ayrton Clay/ Manoel Nilton Silva Favacho
11	Conjunto Raio de Sol	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Manoel de Deus Pereira (Bocage)
12	Banda Skema Embaloê	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Emílio Francisco Ferrene
13	Acervo de Discos	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Flávio de Campos Ferreira (Bailar)
14	Grupo Clube do Remo		Formas de expressão	SEDE	Carlos Otávio Neto Mendes
15	Projeto Carimbó na Escola	Vigente	Formas de expressão	SEDE	Silvana Helena Miranda da Silva
16	Companhia de Dança Andirás	Vigente	Formas de expressão	Boa Vista do Iririteua	Dirce Rodrigues Corrêa/ José Rafael Corrêa Trindade
17	Latino (músico) Banda Lauro Sodré		Formas de expressão	Belém	Sem entrevista

18	Conjunto Flor de Ramos e banda de jazzi	Vigente	Formas de expressão	Vila Ponta de Ramos	Lindalvo Mendes Dias (Paca)/ Jovita Cabral
19	Conjunto Japiin	Vigente	Formas de expressão	Caratateua	Gilvêncio Costa das Neves (Dóve)
20	Conjunto Capricho	Vigente	Formas de expressão	Araquaim	Manoel da Conceição Matos (Manelão)
21	Conjunto Canarinho	Vigente	Formas de expressão	Araquaim	Joacy Ferreira Garcia
22	Conjunto Sabiá	Vigente	Formas de expressão	Araquaim	Jefferson/Sandoval
23	Conjunto Os Mais Vividos	Vigente	Formas de expressão	Araquaim	Maria Libânia
24	Conjunto Alegria do Pará	Vigente	Formas de expressão	Livramento	Valdemir Pinto de Souza (Vavá)
25	Flautista	Vigente	Formas de expressão	Ananim	Geraldo Neves Vieira
26	Conjunto Alegria do Lauro	Vigente	Formas de expressão	Vila Lauro Sodré	Manoel de Nazaré Duarte (Zezé)
27	Conjunto Os Fenômenos	Vigente	Formas de expressão	São Pedro	Edson dos Santos Vaz (Bigode)
28	Grupo Barra Pesada	Vigente	Formas de expressão	Taperinha	Raimundo dos Santos Neves (Caruana)
29	Grupo Ritmo Quente	Vigente	Formas de expressão	Marauá	Genivaldo José Monteiro Rodrigues (Geco)
30	Carimbó de Simoa	Vigente	Formas de expressão	Candeua	Célia Maria das Neves
31	Carimbó de Murajá (Coronel)	Vigente	Formas de expressão	Murajá	Darciana Ferreira
32	Carimbó de Vila Beira-Mar	Vigente	Formas de expressão	Beira-Mar	Anilo Ferreira de Campos e Cecília Macêdo
33	Carimbó de Abade	Vigente	Formas de expressão	Abade	João de Lourdes Silva/ Maria Silva de Jesus/ Raimundo Pinto de Brito

34	Carimbó de Simoa	Vigente	Formas de expressão	Simoa	Ana da Silva Favacho
35	Grupo Veteranos	Vigente	Formas de expressão	Boa Vista do Muriá	Adriano Lúcio
36	Conjunto Imperador	Memória	Formas de expressão	Abade	Alexndre/Grilo
37	Fernando Belém		Formas de expressão	Abade	
38	Grupo de dança Raízes da Terra	Vigente	Formas de expressão	Curuparé	
39	Carimbó		Formas de expressão	Ilha de Fora (Iriteua)	Nildo
40	Grupo de dança de Jaime Amaral	Vigente	Formas de expressão	Arapiranga	
41	Conjunto Uirapuru		Formas de expressão	Abade	
42	Conjunto Alegria do Beira-mar	Vigente	Formas de expressão	Beira-Mar	Papagaio
43	Dança do carimbó	Vigente	Formas de expressão	Nazaré de Mocajuba	
44	Grupo de dança Ritmo Paraense	Vigente	Formas de expressão	Km 42	
45	Conjunto Piracicaba	Vigente	Formas de expressão	São Pedro	Dadico

ANEXO II – QUADRO DE REGISTROS AUDIO-VISUAIS

Numeração	Bem Cultural	Município	Mídia
IC07_0801/0808	Apolinário (Grupo Frutos da	São João da Ponta	Foto

	Terra) - São João da Ponta		
IC07_0809/0825	Aspectos da cidade - São João da Ponta	São João da Ponta	Foto
IC07_0826/0831	Barracão São Benedito - São João da Ponta	São João da Ponta	Foto
IC07_0832/0833	Constatino Pinheiro de Lima - São João da Ponta	São João da Ponta	Foto
IC07_0834/0837	Dona Marcia Pereira de Matos Almeida Grupo Frutos da Terra - Marcia Pereira de Matos Almeida - grupo Frutos da Terra	São João da Ponta	Filme
IC07_0838/0842	Dona Marcia Pereira de Matos Almeida Grupo Frutos da Terra - São João da Ponta	São João da Ponta	Foto
IC07_0843/0847	Dona Marcia Pereira de Matos Almeida Grupo Frutos da Terra - São João da Ponta	São João da Ponta	Filme
IC07_0848	Dona Marcia Pereira de Matos Almeida Grupo Frutos da Terra - Trilha sonora do grupo da terceira idade de Marcia Almeida	São João da Ponta	Foto
IC07_0849	Dona Marcia Pereira de Matos Almeida Grupo Frutos da Terra - Trilha sonora usada e gravada pelos grupos cênicos de Marcinha - grupo Frutos da Terra	São João da Ponta	Foto
IC07_0850	localidade Vila Nova - Dilson	São João da Ponta	Foto
IC07_0851/0853	localidade Vila Nova - João Araujo	São João da Ponta	Foto
IC07_0854/0856	Pedro Carimbó - localidade Açú - São João da Ponta	São João da Ponta	Foto
IC07_0857	Pedro Carimbó - localidade Açú - São João da Ponta	São João da Ponta	Filme
IC07_0858/0860	Seu Francisco das Chagas	São João da Ponta	Foto
IC07_0861	Seu Francisco das Chagas	São João da Ponta	Filme
IC07_0862/0867	Vitor de Nazaré Almeida - São Francisco	São João da Ponta	Foto
IC07_1412	Conj Sayonara do Maú(vista Alegre do Maú) - Antonio Alves (Macaco) Vista Alegre do Maú	São João da Ponta	WAV
IC07_1413	Conj Sayonara do Maú(vista Alegre do Maú) - Humberto Lima da Silva - Martinho - Artesão de maracas- Vista Alegre do Maú	São João da Ponta	WAV

Numeração	Bem Cultural	Município	Mídia
IC08_0964	Aspectos da cidade - Av principal de Terra Alta	Terra Alta	Foto
IC08_0965	Aspectos da cidade - Rua de Terra Alta	Terra Alta	Foto
IC08_0966	Conjunto Amigos de Terra	Terra Alta	Foto

	Alta - Grupo Meninas de Terra Alta		
IC08_0967/0968	Conjunto Amigos de Terra Alta - Teodomiro da Silva Gonsalves e Elinete do Socorro Gonsalves	Terra Alta	Foto
IC08_0969	Conjunto Amigos de Terra Alta - Terra Alta	Terra Alta	Filme
IC08_0970/0973	Conjunto Amigos de Terra Alta - Adamor- grupo Amigos de Terra Alta	Terra Alta	Filme
IC08_0974/0977	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Antônio Alves - Macaco - grupo Sayonara	Terra Alta	Filme
IC08_0978/0983	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Antônio Alves (Macaco)	Terra Alta	Foto
IC08_0984	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Antônio Alves (Macaco)	Terra Alta	Filme
IC08_0985/0986	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Barracão de ensaio do Sayonara	Terra Alta	Foto
IC08_0987/0988	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Esposa de Antônio Alves - Macaco - grupo Sayonara (farda)	Terra Alta	Foto
IC08_0989/0990	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Maracas em fase de produção	Terra Alta	Foto
IC08_0991	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Maria Alves danãrina do Sayonara	Terra Alta	Foto
IC08_0992/0993	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - material de trabalho	Terra Alta	Foto
IC08_0994	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Peneira	Terra Alta	Foto
IC08_0995	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Residência de Antônio Alves (Macaco)	Terra Alta	Foto
IC08_0996	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Rua da agrovila de Vista Alegre do Maú	Terra Alta	Foto
IC08_0997/1007	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do	Terra Alta	Foto

	Maú - Terra Alta		
IC08_1008	Conj Sayonara do Maú - localidade Vista Alegre do Maú - Terra Alta	Terra Alta	Filme
IC08_1414	Apolinário Matos de Almeida - Conj Frutos da Terra e Fest São Benedito - Sede	Terra Alta	Wav
IC08_1415	Dilson Cedeja dos Santos e João Araújo de Campos - Carimbó de Vila Nova - Vila Nova	Terra Alta	Wav
IC08_1416/1417	Vitor de Nazaré Almeida2 - Carimbó de SJP 2	Terra Alta	Wav

Numeração	Bem Cultural	Município	Mídia
IC09_1009/1017	40 do Mocooca -	Maracanã	Foto
IC09_1018/1030	Algodoal	Maracanã	Foto
IC09_1031	Banda Eladio Almeida - Bento Lopes Martins	Maracanã	Foto
IC09_1032	Banda Eladio Almeida - Bento Lopes Martins	Maracanã	Filme
IC09_1033/1040	Banda Eladio Almeida	Maracanã	Foto
IC09_1041/1042	Banda Eladio Almeida	Maracanã	Filme
IC09_1043/1045	Carimbo de Camboinha - Domingos Almeida de Lima - Camaleoa	Maracanã	Foto
IC09_1046	Conjunto Novo Zimba - Conjunto Novo Zimba	Maracanã	Filme
IC09_1047/1063	Conjunto Novo Zimba	Maracanã	Foto
IC09_1064	Conjunto Novo Zimba - Madson Simão Dias Ribeiro	Maracanã	Foto
IC09_1065/1068	Conjunto Novo Zimba	Maracanã	Filme
IC09_1069	Conjunto Novo Zimba - Raimundo Simão Nunes Ribeiro	Maracanã	Foto
IC09_1070	Conjunto Novo Zimba - Raimundo Simão Nunes Ribeiro e Ana dos Santos	Maracanã	Foto
IC09_1071	Conjunto Novo Zimba - Simão	Maracanã	Foto
IC09_1072/1078	Conjunto Praiano (Algodoal)	Maracanã	Foto

IC09_1079	Conjunto Praiano (Algodoal) - Moacir Menezes e Eliací Barbier (filho e nora de Maga)	Maracanã	Foto
IC09_1080/1084	Cupim - José Francisco da Silva Costa - Cupim	Maracanã	Foto
IC09_1085	Cupim - José Francisco da Silva Costa - Cupim	Maracanã	Filme
IC09_1086/1095	Fortalezinha	Maracanã	Foto
IC09_1096/1097	Fortalezinha - Espaço Cidadão Tio Milico	Maracanã	Foto
IC09_1098	Grupo (Martins Pinheiro) - Conjunto de Djalma Silva	Maracanã	Filme
IC09_1099/1101	Grupo (Martins Pinheiro)	Maracanã	Foto
IC09_1102	Grupo (Martins Pinheiro) - Mestre Djalma	Maracanã	Foto
IC09_1103	Grupo (Martins Pinheiro)	Maracanã	Filme
IC09_1104/1106	Grupo Regional (Algodoal) -	Maracanã	Foto
IC09_1107/1108	Grupo Regional (Algodoal) - Zeca	Maracanã	Foto
IC09_1109/1115	Grupo Tio Milico (Fortalezinha)	Maracanã	Foto
IC09_1116/1118	Sede de Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1119/1123	40 do Mocooca	Maracanã	Foto
IC09_1124/1145	Algodoal - Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1146/1163	Aspectos da cidade - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1164	Aspectos da cidade - Reserva Extrativista Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1165	Bento - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1166/1170	Boa Vista	Maracanã	Foto
IC09_1171/1186	Camboinha - Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1187/1193	Caminho Algodoal - Fortalezinha - Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1194/1195	Deco - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1196/1199	Dona Ana - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1200/1205	Entrevista de Radio FM - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1206/1207	Equipe - Maracanã	Maracanã	Foto

IC09_1208	Ex integrante do Conj Praiano - Ramal da Camboinha - Eliaci Maria Pinto Barbier	Maracanã	Foto
IC09_1209/1211	Ex integrante do Conj Praiano - Ramal da Camboinha - Maracanã	Maracanã	Foto
IC09_1212/1213	Ex integrante do Conj Praiano - Ramal da Camboinha - Moacir Menezes Teixeira	Maracanã	Foto
IC09_1214/1221	Heitor - M Pinheiro	Maracanã	Foto
IC09_1222/1226	Heitor - M Pinheiro	Maracanã	Filme
IC09_1227/1230	José Francisco da Silva Costa - Cupim - Terra Alta	Maracanã	Foto
IC09_1231/1234	José Francisco da Silva Costa - Cupim - Terra Alta	Maracanã	Filme
IC09_1235/1237	Martins Pinheiro	Maracanã	Foto
IC09_1238/1241	Maracanã - Outras	Maracanã	Foto
IC09_1242/1243	Pavio filho da dona Ana	Maracanã	Foto
IC09_1418	Ana dos Santos - Carimbó de Martins Pinheiro	Maracanã	Wav
IC09_1419/1420	Heitor dos Santos - Martins Pinheiro 2	Maracanã	Wav
IC09_1421	João Ferreira Alves - Conj Unidos de Maracanã - Sede	Maracanã	Wav
IC09_1422	Jose dos Santos - Carimbó de Martins Pinheiro	Maracanã	Wav
IC09_1423	Manoel de Oliveira Teixeira - Conj de carimbó e espaço cidadão Tio Milico	Maracanã	Wav
IC09_1424	Moacir Menezes Teixeira e Eliaci Maria Pinto Barbier - Carimbó da ilha de Maiandeuá	Maracanã	Wav
IC09_1425/1426	Pedro Monteiro de Assis2 - Conj Canarinho - Sede 2	Maracanã	Wav
IC09_1427	Roque Santeiro - 40 do Mocooca	Maracanã	Wav

Numeração	Bem Cultural	Município	Mídia
-----------	--------------	-----------	-------

IC10_1244	Grupo Os Paraenses - Apresentação de dança	Magalhães Barata	Filme
IC10_1245/1293	Grupo Os Paraenses	Magalhães Barata	Foto
IC10_1294/1296	Grupo Os Paraenses	Magalhães Barata	Filme
IC10_1297/1300	Grupo Rouxinol e Frutos da Terra - Nova Geração (Arraial)	Magalhães Barata	Foto
IC10_1301/1307	Magalhaes Barata	Magalhães Barata	Foto
IC10_1308/1320	Mestre Geraldo	Magalhães Barata	Foto
IC10_1321	Mestre Geraldo - Geraldo da Silva Alves	Magalhães Barata	Filme
IC10_1322/1332	Cafezal	Magalhães Barata	Foto
IC10_1333/1343	Durval - Cafezal	Magalhães Barata	Foto
IC10_1344/1361	Fazendinha	Magalhães Barata	Foto
IC10_1362/1383	Geraldo Alves - Mag Barata	Magalhães Barata	Foto
IC10_1384/1387	Lalila - Cafezal	Magalhães Barata	Foto
IC10_1388/1407	Mag Barata	Magalhães Barata	Foto
IC10_1408/1409	Nilson Alves - Boa Vista	Magalhães Barata	Foto
IC10_1410/1411	Nilson Alves - Boa Vista	Magalhães Barata	Filme
IC10_1428	Amanajás da Silva e Eduardo Lopes Ramos - Conj Rouxinou - Arraial	Magalhães Barata	Wav
IC10_1429/1431	Durval da Silva Monteiro - Conj Alegria de Cafezal - Cafezal 3	Magalhães Barata	Wav
IC10_1432	Geraldo da Silva Alves - Artesão de banjo - Sede	Magalhães Barata	Wav
IC10_1433	Nilson Alves da Silva - Conj Lírio do Mar	Magalhães Barata	Wav
IC10_1434/1435	Magalhaes Barata	Magalhães Barata	Foto
IC10_1436/1458	Magalhaes Barata	Magalhães Barata	Filme

Numeração	Bem Cultural	Município	Mídia
IC11_1459/1474	Abade - aspectos da localidade	Curuçá	Foto
IC11_1475/1484	Anilo Ferreira de Campos - Beira-Mar	Curuçá	Foto

IC11_1485/1488	Anilo Ferreira de Campos - Beira-Mar	Curuçá	Filme
IC11_1489/1496	Célia Maria Maciel das Neves - Candeua	Curuçá	Foto
IC11_1497/1536	Curuçá - aspectos da cidade	Curuçá	Foto
IC11_1537/1544	Darciana Ferreira - Murajá	Curuçá	Foto
IC11_1545/1546	Darciana Ferreira - Murajá	Curuçá	Filme
IC11_1547/1556	Flávio - Bailar	Curuçá	Foto
IC11_1557/1562	Genivaldo José Monteiro Rodrigues - Conj Ritmo Quente - Marauá	Curuçá	Foto
IC11_1563/1564	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Banjo do Japiim	Curuçá	Foto
IC11_1565/1571	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Bar do Gilvêncio Costa das Neves	Curuçá	Foto
IC11_1572/1581	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua	Curuçá	Foto
IC11_1582	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Curimbó do Japiim	Curuçá	Foto
IC11_1583/1591	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Gilvêncio Costa das Neves	Curuçá	Foto
IC11_1592	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Maraca do Japiim	Curuçá	Foto
IC11_1593	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua - Trompete do Gilvêncio Costa das Neves	Curuçá	Foto
IC11_1594/1599	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Caratateua	Curuçá	Filme
IC11_1600	Jeferson - Conj Sabiá de Araquaim - Curimbó	Curuçá	Foto
IC11_1601	Jeferson - Conj Sabiá de Araquaim - Curimbó em fase de produção	Curuçá	Foto
IC11_1602/1608	Jeferson - Conj Sabiá de Araquaim	Curuçá	Foto
IC11_1609	Jeferson - Conj Sabiá de Araquaim - sede de ensaio do Conj Ritmo	Curuçá	Foto

	Quente		
IC11_1610/1614	João de Lourdes Silva - Macaco	Curuçá	Foto
IC11_1615/1619	João de Lourdes Silva - Macaco	Curuçá	Filme
IC11_1620/1627	Manoel Soares dos Santos - Conj Pinga-Fogo - Sede	Curuçá	Foto
IC11_1628/1633	Manoel Soares dos Santos - Conj Pinga-Fogo - Sede - Manoel Soares dos Santos	Curuçá	Foto
IC11_1634/1637	Murajá	Curuçá	Foto
IC11_1638/1640	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha - Historiador - Sede - Paulo de Tarso & Benedita da Conceição Cunha	Curuçá	Foto
IC11_1641/1645	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha - Historiador - Sede	Curuçá	Foto
IC11_1646	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha - Historiador - Sede	Curuçá	Filme
IC11_1647/1660	Curuçá	Curuçá	Foto
IC11_1661	Curuçá - Raimundo Pinto de Brito - Grilo	Curuçá	Foto
IC11_1662/1674	Araquaim	Curuçá	Foto
IC11_1675/1678	Caratateua	Curuçá	Foto
IC11_1679	Companhia de Dança Andiras (Boa Vista do Iririteua) - Dirce Rodrigues Corrêa e José Rafael Corrêa	Curuçá	Foto
IC11_1680/1682	Companhia de Dança Andiras (Boa Vista do Iririteua)	Curuçá	Foto
IC11_1683/1686	Conjunto Capricho (Araquaim)	Curuçá	Foto
IC11_1687	Conjunto Capricho (Araquaim) - Manoel da Conceição Matos - Manelão	Curuçá	Filme
IC11_1688	Conjunto Capricho (Araquaim) - Manoel da Conceição Matos - Manelão	Curuçá	Foto
IC11_1689/1690	Conjunto Capricho (Araquaim)	Curuçá	Foto
IC11_1691	Dançarinos - Dançarino João Vale da Silva	Curuçá	Foto
IC11_1692	Dançarinos - Dançarina de carimbo - Tia Loba - Antônia Lobo Barata	Curuçá	Foto
IC11_1693/1694	Dançarinos - Dançarina de carimbo - Tia Loba -	Curuçá	Foto

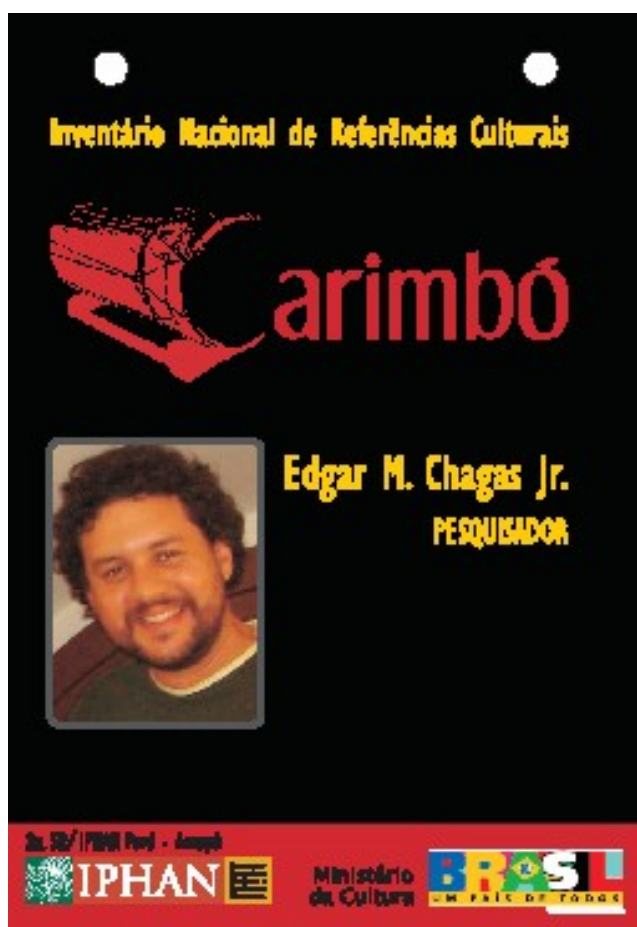
	casa Sra Loba		
IC11_1695/1696	Dançarinos - Dançarina de carimbo - Tia Loba	Curuçá	Foto
IC11_1697/1701	Geraldinho flautista	Curuçá	Foto
IC11_1702	Geraldinho flautista - Geraldo Neves Vieira - flautista	Curuçá	Foto
IC11_1703/1705	Grupo Alegria do Lauro (Vila Lauro Sodré)	Curuçá	Foto
IC11_1706	Grupo Alegria do Lauro (Vila Lauro Sodré) - Manoel de Nazaré Duarte - Zezé	Curuçá	Foto
IC11_1707/1725	Grupo Canarinho (Araquaim)	Curuçá	Foto
IC11_1726	Grupo Canarinho (Araquaim) -Joacy Ferreira Garcia	Curuçá	Foto
IC11_1727/1728	Grupo Canarinho (Araquaim)	Curuçá	Filme
IC11_1729/1730	Grupo Centenarios do Ritmo - casa de Dango - grupo Milionarios do Ritmo	Curuçá	Foto
IC11_1731	Grupo Centenarios do Ritmo - Dango	Curuçá	Foto
IC11_1732	Grupo Centenarios do Ritmo	Curuçá	Foto
IC11_1733	Grupo Centenarios do Ritmo - Lucila Pinheiro da Silva - esposa de Dango	Curuçá	Foto
IC11_1734	Grupo Centenarios do Ritmo - Nelson de Souza Favacho	Curuçá	Foto
IC11_1735/1739	Grupo Japiin (Caratateua)	Curuçá	Foto
IC11_1740	Grupo Japiin (Caratateua) - Gilvêncio Costa das Neves - Dove	Curuçá	Foto
IC11_1741	Grupo Japiin (Caratateua) - Gilvêncio Costa das Neves - Dove	Curuçá	Filme
IC11_1742/1744	Grupo Japiin (Caratateua)	Curuçá	Filme
IC11_1745/1747	Grupo Os Fenômenos	Curuçá	Foto
IC11_1748/1749	Grupo Piracicaba	Curuçá	Foto
IC11_1750/1757	Grupo Raio de Sol	Curuçá	Foto
IC11_1758	Grupo Raio de Sol - Dulcina Maria da Conceição Pereira	Curuçá	Foto
IC11_1759	Grupo Raio de Sol - Manoel de Deus Pereira - Bocage	Curuçá	Foto
IC11_1760	Historiador - Paulo de	Curuçá	Foto

	Tarso - Alexandre - Conjunto Imperador		
IC11_1761/1769	Historiador - Paulo de Tarso - casa do Sr Tarso	Curuçá	Foto
IC11_1770/1771	Historiador - Paulo de Tarso - Conjunto Imperador	Curuçá	Foto
IC11_1772	Historiador - Paulo de Tarso - Paulo de Tarso Monteiro da Cunha e Benedita da Conceição Cunha	Curuçá	Foto
IC11_1773/1775	Mestre Mimico - grupo Pinga Fogo	Curuçá	Foto
IC11_1776	Mestre Mimico - grupo Pinga Fogo - (ex-membro Bico de Arara) - Manoel Soares dos Santos	Curuçá	Foto
IC11_1777	Mestre Mimico - grupo Pinga Fogo - (ex-membro Bico de Arara) - Manoel Soares dos Santos	Curuçá	Filme
IC11_1778/1781	Mestre Mimico - grupo Pinga Fogo	Curuçá	Filme
IC11_1782	Mestre Treva - componente do Grupo Bico de Arara - Benedito Monteiro	Curuçá	Foto
IC11_1783/1784	Mestre Treva - componente do Grupo Bico de Arara	Curuçá	Foto
IC11_1785/1788	sede	Curuçá	Foto
IC11_1789/1790	sede - Quadro exposto no mercado	Curuçá	Foto
IC11_1791/1801	Vila Ponta de Ramos	Curuçá	Foto
IC11_1802/1804	Vila Ponta de Ramos - grupos	Curuçá	Foto
IC11_1805	Vila Ponta de Ramos - grupos - Jovita Cabral - clarinetista	Curuçá	Foto
IC11_1806/1807	Curuçá	Curuçá	Foto
IC11_1808	Anilo Ferreira de Campos - Beira-Mar	Curuçá	Wav
IC11_1809	Célia Maria Maciel das Neves - Candeua	Curuçá	Wav
IC11_1810	Darciana Ferreira - Murajá	Curuçá	Wav
IC11_1811	Dirce Rodrigues Corrêa - Cia de danças e expressões folclóricas Andirás - Boa Vista	Curuçá	Wav
IC11_1812	Geraldo Neves Vieira - flautista - Ananim	Curuçá	Wav
IC11_1813	Gilvêncio Costa das Neves - Conj Japiim - Vila Caratateua	Curuçá	Wav

IC11_1814	Jeferson - Conj Sabiá de Araquaim	Curuçá	Wav
IC11_1815	João de Lourdes Silva - Abade	Curuçá	Wav
IC11_1816	Jovito Cabral - musico alfaiate - Vila Ponta de Ramos	Curuçá	Wav
IC11_1817	Lindalvo Mendes Dias - Conj Flor de Ramos - Vila Ponta de Ramos	Curuçá	Wav
IC11_1818	Maria Libânia - Grupo de dança Os mais vividos - Araquaim	Curuçá	Wav
IC11_1819	Maria Silva de Jesus - Abade	Curuçá	Wav
IC11_1820	Paulo de Tarso Monteiro da Cunha - Escritor e historiador	Curuçá	Wav
IC11_1821	Raimundo Pinto de Brito - Abade	Curuçá	Wav
IC11_1822	Valdemir Pinto de Souza - Conj Alegria do Pará - Livramento	Curuçá	Wav

ANEXO III – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Crachá



Folder



Inventário Nacional de Referências Culturais

O que é o IPHAN

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vinculado ao Ministério da Cultura, é a instituição responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Criado em 1937, o Iphan tem como objetivo identificar, proteger, valorizar e divulgar o conhecimento do nosso patrimônio histórico e artístico, de forma permanente. Para tanto, conta com a parceria de governos estaduais e municipais e, também, de segmentos organizados da sociedade.

O que é o INRC

Camisetas

